NQK

Monteiro

COIMBRA

MARIO MONTEIRO (FORTUNATO)

COIMBRA

COIMBRA

TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

—

1902

MARIO MONTEIRO (FORTUNATO)

COIMBRA

COIMBRA

TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

1902



Cada povo tem a cidade da sua poesia, da sua imaginação, dos seus amores; cada povo aponta para uma terra, que a tradição vestiu de galas, e diz: — Lá, lá! oh! que não ha nada mais bello! O portuguez aponta para Coimbra.

João de Lemos.

A MEU PAE

O senhor JOAQUIM MARIA MONTEIRO DE FIGUEIREDO

Ao Senhor

José Maria de Oliveira Mattos

Deputado da Nação Portugueza

DEDICO ESTE MEU TRABALHO EM TESTEMUNHO
DE IMMENSA GRATIDÃO E RECONHECIMENTO

FORTUNATO MARIO MONTEIRO DE FIGUEIREDO.

Tales quales sumus esse videamur.

É este o meu primeiro livro.

Aberto de relance, semelhar-se-ha decerto a um poema. Nada d'isso tem. É um livro que uma divida de gratidão me levou a elaborar num limitado periodo de férias, quasi sobre o joelho, como vulgarmente se diz.

Não obedeço nelle ás regras da poetica porque não foi esse o meu intento ao escrevê-lo. Pretendi somente nas suas paginas, tornar um pouco mais suave a leitura da historia da terra de meus paes, pela simples razão de que escrevendo em prosa solta a verdade historica que poude colher nos documentos que consultei, tornar-me-hia demasiado monotono.

Rimei por isso estas modestas e imperfeitas linhas para as quaes não espero palavras elogiosas, porque nem ellas as merecem nem tão pouco me é licito pedí-las para um trabalho de investigação historica. O publico julgá-lo-ha como entender.

Demais o COIMBRA nunca passará de ser uma nullidade como tantas outras que apparecem por esse mundo fóra.

O AUCTOR.

COIMBRA

Coimbra!... terra de encanto,
Do Mondego alegre flôr,
Venho pagar-te em meu canto
Tributo d'antigo amor;
Não m'o engeites porque é pobre,
Porque tens o canto nobre
Do cantor da linda Ignez;
....
....
....

João de Lemos.

I

I

Envolta em suave melancholia,
Na algidez d'uma noite de luar,
Anda sempre tão triste e tão sombria,
Que seus olhos não se fartam de chorar;
Fugiu-lhe da fronte aquella alegria
Que das suas tricanas poz no olhar,
E vai, de noite, a soluçar suas queixas,
Numas lindas trovas, tristes endeixas!

II

Flôr do Mondego! — esse rio de maguas,
Saudades, ciumes, ternos amores,
Que vai espalhando as suas aguas,
Beijando os campos, beijando as flôres,
— Faz as lindas trovas, das suas maguas,
Faz tristes poetas, dos seus amores,
Ao som do brando ciciar da aragem,
Tremulo suspiro a beijar a margem!

III

Quando a lua começa a alvejar,
E a soprar d'alem um brando vento,
Os salgueiros parecem soluçar,
Levando aos ares um cruel lamento
E o Mondego vai a murmurar
Uns versos tristes. E n'um rythmo lento,
Vai cantando, a medo, aos salgueiraes,
Trovas dos seus poetas, em seus ais.

IV

As arvores choram, e, abraçadas,
Parecem querer ir o rio beijar;
O vento geme, e pelas orvalhadas
Flôres, as borboletas vão poisar,
Assim, tão lindas e tão delicadas,
Passando dias inteiros a voltear...
Em loucas correrias e doces beijos,
Segredando ás flôres os seus desejos.

V

Nos campos, vão os rudes camponezes
Lavrando pouco a pouco suas terras,
Cuidando dos celeiros e das rêzes,
Que veem de pastar alem das serras
E fumando o seu tabaco, ás vezes,
Numa inteira paz, longe das guerras,
Vão, mortos, aos raios d'um sol ardente,
Rindo e assobiando alegremente.

VI

Como prece suave sobe ao ar,
Á tarde, ao Sol-Pôr, pelas ribeiras
O melancholico e triste cantar
Das alegres e frescas lavadeiras.
A roupa qual neve é para lavar;
As canções são loucas aventureiras
Que andam beijando o verde monte,
Ao verem amores, além... na Ponte... [1]

VII

Aves fugidas da prisão, errantes
Pelas saudosas margens do Mondego,
Vão, aos bandos, em busca das galantes
Tricanas, que lhes ouvem, em segredo,
As falsas confissões... os estudantes,
De capa ao vento que, como a medo,
Lhes vem trazendo, triste, pelo ar
Da *cabra* [2], o tão sinistro badalar.

---

[1] *Samsão* é dos frades Cruzios
A Calçada dos amantes,
A Praça das regateiras,
A Ponte dos estudantes.
Canção popular coimbrã.

[2] A tradicional, a verdadeira *cabra* rachou-se em 1900. A que hoje existe foi fundida nas officinas de Braga.

ELEGIA DA « CABRA »

« ... já não toca mais, está rachadissima ! »
(O Guarda-mor ao Poeta).

Palavras onde jaz um grande ensinamento,
Palavras, para mim tristes para chorar...
E pois que tudo pára ou em morte ou em vento
A poesia maior é a que o faz lembrar...

VIII

Som terribil que tantos *escuitaram*
Dia a dia, como dobre de finados,
E d'elle as saudades que levaram
Os que viram seus cursos terminados!
Té mesmo do Mondego as aguas param,
Lembrando talvez os tempos passados
Tempos em que os perfumes das flôres
Se juntavam aos risos dos Amôres.

Disse-me o velho ha pouco a triste bôa-nova:
Dona de velhos sons morrera-se quebrada!
Mas ou fique na torre ou vá para uma cova
Sua lembrança em nós é uma badalada!...

Sua lembrança em nós é de azar e de saudade,
Triste recordação de cobre velho, aos ais...
E agora que morreu, amigos, quem não hade
Cobri-la de perdão, por não ouvi-la mais?

Que a « outra » que vier p'ra o seu logar na torre
Não é « cabra », afinal, não tem lenda e passado...
Porque quando é alguem que como ella nos morre
Vasio é seu logar outra vez occupado!

Esta era o lusco-fusco, as 6 horas, e toda
A legenda sem fim dos que a'scutaram de antes,
Velha teimosa e tonta, aborrecida e douda...
Mas lá no coração amiga d'estudantes!

IX

Pelo rio vão deslizando mansamente
Uns barquinhos pequenos, cujas velas
Parecem aos raios do Sol-Poente
Azas de aves, tão lindas como aquellas
Que de manhã, num chilrear contente,
Veem poisar nas folhas verde-amarellas,
Cantando uma dôce e terna alvorada
Para as moças que passam na estrada.

Esta tinha, sabei! o que outra certamente
Só cem annos depois ha de ter de divino;
Porque se a velha « cabra » era alguem para a gente,
A outra para vós não será mais que um sino!

Perdoemos-lhe, pois, tanta lembrança asiaga,
Esse « dia seguinte » amargo que dizia...
Que a sua velha voz, duma ironia vaga,
A sério não tomava aquillo que fazia!

E tu, « cabreiro » triste, amante inconsolavel
Vai ás tabernas, vai beber para esquecê-la!
Levando a nostalgia, a saudade infindavel
De nunca mais ouvi-la e nunca mais tange-la!

Coimbra, 16 de maio de 1900.

AFFONSO LOPES-VIEIRA.

« O impulso inicial daquellas bellas rimas foi o pensamento que o Guarda-mór disse a Eugenio de Castro, e Eugenio de Castro disse ao Poeta, e o Poeta nos veiu dizer a Nós: ... *já não toca mais, está rachadissima!* »

O necrologio da « cabra », *Resistencia* (periodico de Coimbra) n.° 546.

X

Pelo rio de Ignez morosas vagam,
E ciciam dos barqueiros aos descantes,
As brandas auras que beijando afagam
As poeirentas folhas ondulantes,
Que nos arvoredos, d'antes, estavam
Dando sombra a grupos de estudantes.
Coimbra, alem, como que a furto e medo
Soluça e geme, por entre o arvoredo.

XI

Murmurando, o regato se deslisa,
Nas amenas campinas socegadas,
As almas enternece e suavisa
Com a canção das aguas branqueadas.
De rútilas boninas se matiza
O campo, de papoilas encarnadas,
E á tarde, quando o sol se vae a pôr,
As abelhas poisam de flôr em flôr.

XII

Mas o inverno não tarda irado
Levando dos campos as lindas flôres,
Do sol o ultimo raio doirado,
Das noites de luar timidos amores,
Que vão sorrindo ao beijo perfumado
Da brisa, que lhes traz os seus louvores.
Sempre ao claro dia segue a noite escura,
O dia de tristeza ao de mór ventura!

XIII

As aves fugindo, em debandada,
Vão, tristes, o azul dos Ceus singrando,
Recordando alguma noite estrellada
Em que, nos salgueiros, foram cantando
Dos seus amores a triste ballada,
Ao Mondego, que ia memorando
Saudades eternas do seu amar,
Brandas queixas, que levou ao mar [1].

XIV

Passa o Inverno, e a Primavera
Vem então a rir-se alegremente,
Muito mais bella ainda do que era
Com tons anilados de Sol-Nascente,
Tão doirados como a dôce chimera
Do tempo, que se vai e não se sente,
De illusões, esp'ranças que apparecem,
Que pouco duram, fogem e fenecem.

---

[1] « ... elle é sem duvida o Rio mais rico e famoso, que banha o nosso territorio. É todo Portuguez, porque nasce em Portugal, e nelle se entrega ao oceano. » A. M. B. Corte-Real, *Bellezas de Coimbra*, pag. 78.

Corre por entre os bosques divertido,
Com curso tão quieto e soccgado,
Que nas ondas se mostra arrependido
De levar agua doce ao mar salgado.
Castro, *Uliss.* C. III. Est. 2.

As suas aguas claras merecem a Sá de Miranda esta referencia:
« *Un tiempo Munda (tal es su agua clara).* »
Fab. do Mondego.

XV

Sôa o bronze no mosteiro santo,
Chamando á oração — ó nesta hora,
Que a noite vem juntando o seu pranto
Á pia reza da alma peccadora,
E co'o seu bello, estrellado manto
Vai envolvendo a *Collimbria* [1] d'outr'ora,
Que anda sempre tão triste, tão sombria
Sem ter um só momento d'alegria.

---

[1] Nome que deram á actual Coimbra.

Collis-imbrium, — outeiro de chuvas. Numa nota do seu romance *Luiz de Camões* a pag. 14, o sr. A. Campos Junior diz: « Já no seculo XII o celebre geographo Edrizi dizia no seu trabalho de Geographia que a cidade de *Colimbria* estava cercada de vinhedos, pomares, e jardins. A cidade é edificada no alto de um monte — descrevia o famoso geographo arabe — de boa defeza e de difficil accesso, ao pé do rio chamado *Mondik.* Uma lenda remotissima attribue a fundação de Coimbra a uma colonia da Phenicia. Os romanos chamavam-lhe *Æminio,* no tempo em que havia uma cidade de *Conimbriga,* onde hoje está Condeixa a Velha. Os mouros a denominavam *Medina — Colimria* e os leonezes, em cujos dominios se talharam as fronteiras da terra *Portugalense,* chamavam-lhe *Colimbria* ou *Conimbriga* ha mais de onze seculos ».

XVI

Depois que em *Conimbriga* [1], a maldade
De Ataces, Hermenerico atura,
Encantado p'la doce amenidade
Das campinas vestidas de verdura, .
Do rio Mondego p'la serenidade,
Com que vae trazendo a agua pura,
Ataces vem fundar nova cidade,
Exercendo uma enorme crueldade.

XVII

Levantavam-se os muros da cidade,
Ao som vibrante do clarim de guerra,
Tomando os corações de anciedade,
A repercutir-se de serra em serra.
Trouxeram o furor e crueldade
A Hermenerico de terra em terra,
Qu'rendo em paga de *Conimbriga*, tomar
A que os alanos andavam a fundar.

---

[1] Antiga Coimbra no sitio onde hoje se vê Condeixa-a-Velha.

XVIII

Da guerra, os tristes prisioneiros,
Não escapam á dura tyrannia
Do Rei Ataces, que por seus guerreiros
Os manda degolar, os supplicía,
Empregando seu suor dias inteiros
Nas muralhas que já tão altas via.
Anda pedra até, lá, acarretando
O proprio bispo Santo Elipando [1].

XIX

Ao medonho tanger dos atabales,
Hermenerico avança qual dragão.
Guerra! Guerra! já resôa p'los valles,
É elle com sua voz de trovão
Que desafia Ataces p'ra que aos males
Venham pôr fim ali, aonde estão,
Da antiga *Eminio* [2] no logar
Onde por certo irão a pelejar.

---

[1] Di-lo Arisberto, Bispo do Porto, escrevendo a Samerio, Arcebispo de Braga.

Fr. Bernardo de Brito reproduz ainda outra carta dirigida a Samerio, que suppõe bispo de Idanha.

Estas cartas são tidas por apocryphas por Fr. Joaquim de Santo Agostinho e por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo.

[2] Nome da cidade que houve no logar onde está Coimbra. Vid. *Guia Historico do Viajante em Coimbra,* 2.ª ed., Parte I, Cap. V, p. 33.

XX

Com uma hastea de ferro na mão,
Avança com enormes elephantes,
Que veem logo atraz do real pendão
Com um drago pintado a que os gigantes
Consagram toda a veneração,
Erguendo-o, de fé exhuberantes.
Vem arrogante, altivo e desdenhoso
De Cindasunda o futuro esposo.

XXI

Ataces manda, á pressa, ordenar
Os seus cavalleiros e os peões,
Para contra os suevos marchar.
E desenrolados os seus pendões
Dos tambores ao tetrico rufar,
Ao som do tropear dos esquadrões,
Ei-lo que caminha para a batalha
Sem se importar co'a chuva da metralha.

XXII

Avança o rei suevo p'los vallados,
E mui cruel nos éstos da peleja,
Que de explosões, de mil confusos brados
Viva, bramindo, os campos estrelleja,
De sangue e de corpos mutilados,
E correndo ao pendão que alem alveja,
Vê Ataces a sorrir ao perigo,
Impavido, a rir-se do inimigo.

XXIII

Nas ameias das torres, debruçadas,
Onde a voz de soldados vão paes fazendo,
Com as suas madeixas desgrenhadas,
Vão as mães e esposas só gemendo,
Fitando alem as aguas já córádas
Do altivo sangue que vae correndo,
Levando ao Mondego e suas aguas
Os echos chorosos das suas maguas.

XXIV

Tinge-se o solo do sangue d'humanos,
Rolam muitos cadaveres por terra,
Responde sempre ao grito dos alanos,
Dos suevos novo grito de — Guerra!
Das garridas vestes rasgam-se os panos.
E Hermenerico rei, tudo aterra:
Solta essas tuas garras oh Dragão!
Contra as unhas laivosas do Leão!

XXV

Corceis feridos correm desbocados.
De Hermenerico todos os dragões,
Fogem de susto, atemorisados,
Só se ouvem as duras imprecações,
Terrivel bradar d'el-rei aos soldados,
Ao ver todos rotos os seus pendões.
Na terra, sobem do sangue espadanas,
Nos valles, cortadas carnes humanas.

XXVI

Mas, da peleja no maior ardor,
Eis que surge uma Virgem, muito alem,
Quedando-se os soldados de temor
Vendo-a montada n'um palafrem,
Assim tão bella como o alvôr,
Lá nos campos, da pallida cecem.
De judia, faz, o seu sombrio olhar
As cervizes aos capitães curvar [1].

XXVII

Avelludado, fino e bem luzente
O seu collo, tão mimoso, parece
Só feito d'alabastro transparente.
O seu olhar tão timido fenece
Alem muito alem, e é tão dolente
Que até ás vezes de susto estremece.
As tranças pelas espaduas lhe ondeiam
Tão bellas que a luz do sol ensombreiam.

---

[1] Era tão formosa que, segundo nos diz a lenda, Ataces apaixonou-se por ella logo que a viu. Sobre este episodio que a lenda nos refere muito se tem escripto. Citaremos aqui um trecho d'uma poesia de José Freire de Serpa:

Assim fallou Cindasunda.
Disse o pae: — « ó filha minha! »
E Ataces disse, enfiando
A espada pela bainha:
« Soldados, soldados meus!
« Já não tendes capitão;
« Abaixae as vossas armas,
« Enrolae vosso pendão,
« Quebrae as unhas e os dentes
« Ao vosso rubro leão.

XXVIII

Monta um corcel de rico jaez.
De prata, e ouro fino, é marchetado
O seu capacete e o seu arnez.
Caminha com um passo apressado,
Mostrando sua airosa robustez,
Em busca d'alguem que lhe dá cuidado.
É Cindasunda [1] que vem altaneira
Trazendo na mão um ramo d'oliveira.

« Senhor rei Hermenerico,
« Já não quero guerrear,
« Façamos pazes aqui,
« Amigos hemos quedar;
« Olhos d'ella me renderam,
« Vossa filha me heis de dar.
« Dona minha, Cindasunda,
« Aqui tens o meu pendão,
« Aqui tens os meus soldados,
« Aqui tens o meu leão;
« Os teus olhos me renderam,
« Aqui tens meu coração.
« Senhor rei Hermenerico,
« Já não quero guerrear,
« Façamos pazes aqui,
« Amigos hemos quedar;
« Olhos d'ella me renderam,
« Vossa filha me heis de dar. »

Chron. Litt. da Nov. Ac. Dram., vol. I (de Fevereiro a Agosto de 1840), n.º 8, Canto IV, pag. 118.

[1] Filha de Hermenerico.

XXIX

Vê-a o grande Ataces, rei Alano,
E sustendo o freio á veloz carreira,
Contempla-a receiando ser engano,
O ver perante si uma guerreira,
Tão bella, e gentil, de corpo humano,
Agitando um raminho d'oliveira [1].
Mas depressa se desfez esse encanto
Ao vê-la assi banhada em triste pranto.

XXX

Cindasunda apeia-se do corcel,
E, curvando a fronte tristemente,
Vem encostada a um joven donzel,
Que segue a seu lado, humildemente,
Sem brilhante armadura e sem broquel.
E chegando perto do Rei valente,
A seus pés soluçante ajoelhou
E submissa d'est'arte assi fallou:

---

[1] Servir-nos-hemos ainda aqui do mimoso soláo — *Cindasunda* — J. F. de Serpa:

« A séstra mão guia as redeas
Do brioso palafrem
Na branca dextra despida
D'oliveira um ramo tem; »

Chron. Litt. da Nov. Ac. Dram., vol. I, n.º 8, canto III, pag. 147.

XXXI

Senhor! Lá no azul do firmamento,
Onde Deus escolheu sua mansão,
Voam as aves, como o pensamento,
Vôa n'um momento de afflicção,
A buscar p'ra seus filhos o sustento
Ou p'r'os paes alguma recordação
Dos tempos em que um venturoso amor
Parecia qu'rer segredar cada flôr.

XXXII

Alem pelas poeirentas estradas,
Senhor! nunca vistes em doce ternura
Debandar pelas noites estrelladas,
N'essas tão lindas noites de ventura,
Jovens alegres, almas emnoivadas,
Ir das humildes flôres á procura?
Não vêdes como ó bello em liberdade?
Gosar assim a sua mocidade?

XXXIII

Não tendes já visto no areal,
Lá em baixo, junto á margem do rio,
Alegre, mui longe de todo o mal
Brincar o atrevido rapazio,
Como as pombas fugindo do pombal
Quando vão pelos campos em poisio?
Não vêdes como brincam livremente
Sem um só cuidado que os atormente?

XXXIV

Não vêdes — como em noites de luar,
Quando as aguas do vosso rio Mondego
Parecem ir tristes a modular
Eternas maguas, quasi em segredo,
Andarem livres, revoltas p'lo ar,
Verdes folhas que o vento leva a medo?
São livres! mas vão cahindo por terra
Á mercê do vento, ao clamor da guerra!

XXXV

Pois bem, Senhor! Attendei-me! escutae!
Houve tempo em que a maior alegria
Foi só a companheira de meu pae,
Mas partiu, oh, sim! mas partiu um dia,
E quando ella parte, para onde vai
Ninguem o sabe. Senhor, eu sabia
Que fôra dês que vossa crueldade
Lhe assolara uma nova cidade [1],

---

[1] « Pelos annos de Christo 409, Ataces, rei dos alanos, tomou a Hermenerico, rei dos suevos, a antiga cidade Conimbrica, que era situada onde hoje é Condeixa a Velha, duas leguas ao sul do Mondego; arruinou-a completamente, passou á margem direita d'este rio e aqui deu começo a uma nova cidade, á qual poz o mesmo nome da que destruira. » *Guia Hist.*, 2.ª edição, pag. 16.

XXXVI

Que elle partira para o Douro [1],
Da edade cançado e da guerra,
Mas num dia do inverno, um mau agouro
Veiu faze-lo transpor serra por serra
Em busca d'algum novo e melhor loiro
Para a sua coroa agora em terra,
E que Vós viestes a perseguir
Desde a cidade que andaes a construir.

XXXVII

E no Douro estamos novamente,
Já depois de tantos dias de batalha,
E não sei, Senhor, que meu peito sente
Ao ter de vos pedir, e que não valha
O que peço, receio já tremente,
Mas eu tenho tanto horror á metralha!
Senhor! restitui por piedade
Ao velho rei, meu pae, a liberdade!

---

[1] « Hermenerico não perde as esperanças de resgatar as terras, que lhe tomára Ataces. Atravessa o Douro, e apparece com o seu exercito diante dos novos muros de Coimbra. Mas Ataces triunfa, e segue Hermenerico até ás margens do Douro, onde este rival lhe compra a troco da filha a paz e alliança. » Corte-Real, *Bellezas de Coimbra*, pag. 11.

XXXVIII

Senhora, levantae-vos por quem sois,
Disse Ataces, erguendo essa belleza
Digna dos mais formosos infanções.
Levantae-vos e ordenae, Princesa,
Desses meus cavalleiros e peões,
Que dizem eu tratar com aspereza.
Mandae tudo aquillo que aprouver-vos,
Que eu já não sei senão obedecer-vos.

XXXIX

Inda os annos que conto não contava,
Inda do berço sentia o calor,
Já minha mãe ás vezes me fallava
Das fadas que appareciam ao Sol-Pôr,
E eu creança, nem sequer sonhava
De que, d'esta peleja no ardor,
Viria d'um dia ao raio derradeiro
Encontrar o meu dôce Amor Primeiro.

XL

Inda não sentia em meu debil peito
O Amor, essa Dôr que ora bemdigo,
Nem a duras leis estava sujeito,
Como estas em que eu agora vivo.
Era livre e da guerra nobre feito,
Não me deixava tão surprehendido,
Como em extase agora me quedei,
Pensando em quê? Senhora, nem eu sei!

XLI

Sonhos talvez, e sonhos tão fagueiros,
Como decerto teem os namorados,
Quando, muito tristes, voam ligeiros
Os seus tão doces beijos perfumados.
Sonhos que segredando vão salgueiros
Reclinados á beira dos vallados,
Emquanto a brisa num tremulo harpejo
Vai dando nas aguas um terno beijo! —

XLII

Calara-se. As mãos aos olhos levou
Para enxugar o copioso pranto,
E p'lo rosto como que lhe passou
Um não sei quê de sereno e santo.
Viu isto Cindasunda, e assi fallou
Num sorrir triste, cheio só d'encanto:
Ouvi, Senhor! Que tendes? Que tormento
Opprime assi o vosso pensamento?

XLIII

Porque tamanha dôr assim soffreis?
Não sois vós o grande rei dos Alanos?
Se é só por amor e amar quereis,
Empregar esforços sobrehumanos
Certo é que disso não preciseis.
Findae esta guerra de tantos annos
E salvae esta vida que supplico
P'ra meu pae o velho Hermenerico.

XLIV

Hermenerico é solto, e chorando
A sua triste sorte, o captiveiro,
Vai as faces de pranto seu banhando
Julgando aquelle o dia derradeiro;
Mas vê-o assim, e p'ra elle andando
A filha apresenta-lhe o guerreiro
Com quem só para o salvar, casar-se vai
Chamando-lhe já amigo de seu pae.

XLV

É dia de festa, ao som dos atabales
Estrondeiam só gritos de alegria;
O povo que vêr-se livre dos males
Da guerra, isso só é que prentendia,
Correndo alegremente pelos valles,
Vai clamando em bem alta gritaria:
Cindasunda conquistou o Leão
E este já fez pazes co'o Dragão!

XLVI

Hermenerico não se fez tardar
Cedendo, por resgate concedido,
Cindasunda para logo se casar
Com Ataces, que a tinha merecido;
E foi assim que ella lhes fez guardar
O respeito ás leis e á fé devido.
E como dois amigos se abraçaram
E odientas guerras terminaram.

XLVII

P'ra agradar ao Rei, livres de batalhas
Juncadas só de mortos, tão horrendas
Obreiros esculpiam pelas muralhas
E em volta das quaes se tecem lendas [1]
Pelas portas da cidade, nas cimalhas
Das fontes, mui variadas legendas
Onde a Virgem [2], o Drago, e o Leão
Formaram para sempre o seu brazão:

XLVIII

Em campo de vermelho, calix d'oiro
D'onde sai meio corpo de donzella
De mãos postas. Valem grande thesoiro
Suas vestes de prata. E é tão bella
Assim com c'rôa ducal, que eu agoiro
Que parece do Ceu fugidia estrella.
Tem fito nos Ceus o seu olhar sereno
E p'rece sonhando algum sonho ameno.

---

[1] Sobre as armas de Coimbra muito se tem escripto e muitas lendas poeticas pretendem dar a sua explicação. Vej. dr. Mendes de Castro, *Guia Historico do Viajante em Coimbra*, 2.ª ed., pag. 21 a 29.

Vej. *As cidades e villas da Monarch. Port. que tem brazão d'armas*, Vilhena Barbosa, vol. I, pag. 129 e segg.

[2] Cindasunda.

XLIX

Ao lado direito, verde serpente
Parece desejar arremetter
Contra o leão d'oiro que levemente
Se inclina para só se defender.
Tem de Duque [1] por timbre reluzente
A corôa que vimos proteger
O escudo dos pendões a alvejar
Ao vento, que brando vem de soprar.

L

Acabaram-se os muros de construir
E os bispos e ministros da Egreja
Começam novamente de fruir
Os bens que lhes tirara esta peleja
E livremente podem já partir
Porque Cindasunda assim o deseja [2].
E sua bondade era tanta, tanta
Que já o povo lhe chamava Santa.

A corôa de Duque começou a fazer parte do brazão desde D. Pedro, › de el-rei D. João I, primeiro *Duque de Coimbra* (1415).

Segundo a lenda, Hermenerico trata os alanos com summa beni-ᒪade e dá aos Bispos, que gemiam no duro captiveiro, a liberdade de ar para as suas dioceses, e reedificar os templos destruidos pelos ›aros.

LI

Hermenerico fica a governar
Na cidade, Suevos e Alanos
Emquanto Ataces vai a dilatar
Suas terras, em busca dos Romanos
Que vieram de novo edificar
Conimbriga destruida p'los Alanos [1]
P'ra se defenderem de Remismundo
Rei dos Suevos, mau e iracundo.

LII

Mas da sua vida o fim encontrou
Aos Romanos nas terras pertencentes,
E Hermenerico logo se passou
Com todos os seus exercitos rompentes
Á Galliza, onde entre os seus ficou
Deixando os Alanos independentes
Nas vastas regiões da Lusitania
Antes de vir gente da Mauritania.

[1] Embora Ataces tivesse despovoado a antiga Coimbra, e fundado uma nova, ambas eram povoadas, e ambas tinham o seu Bispo pois que no oitavo Concilio de Toledo, celebrado em 652, se falla de dois Bispos, Celidonio (Episcopus Colimbriensis), e Siseberto (Episcopus Conimbricensis). Vid. *Geograf. Hist.*, de Luiz Caetano de Lima, cap. II.

LIII

Assim que os Suevos lá chegaram
Fundaram logo, nesse mesmo anno
— *Novo reino que tanto sublimaram* —
Até que um dia, da guerra o cruel damno
E a confiança em si o lançaram
Em terra á voz de Andeca o Tyranno
Que um Rei Wisigodo [1] vence, e com manha
Sujeita os Suevos logo á Hespanha.

LIV

Sobe ao throno, D. Rodrigo, novo rei
E com o desfloramento de Cava
A Julião, Oppas e a toda a grei
De tal forma excitou, que, como lava,
De velhos pergaminhos eu o sei, [2]
Até Hespanha onde esse Rei estava
Deliberam ir tudo devastando,
Ao seu dominio os povos sujeitando.

---

[1] Leowigildo, consegue dominar os suevos, durando o seu imperio
712 em que os mouros invadiram a Hespanha.
[2] *Poema da Cava* que Theophilo Braga suppõe pertencer ao seculo xv,
; a sua forma estrophica só apparece usada pela primeira vez por
onso o Sabio em Hespanha e em Portugal no seculo xv.

LV

E o Wisigodo não teve a dura
De se conservar assi independente.
De suas forças, de seus reis segura
Nova invasão furiosa, irrompente
Lá d'Africa não consente a ventura
De deixar *Colimbria* que ainda sente
O furor, como toda a Gente Lusa,
Da invasão feita por Tarik e Musa.

LVI

D. Paio porem lá desde as Asturias,
De que depois é o rei acclamado [1]
Começa por expandir suas furias
Contra os mouros que tinham cá ficado.
E assim esforçado, sem incurias
Vai indo até *Colimbria* tão irado,
Que do jugo de Mafoma a salvou
E sua derrota continuou.

---

[1] « D. Paio, unico ramo, que restava do tronco real dos Godos, desbarata na batalha de Ausena 20$ inimigos, e é acclamado Rei das Asturias, a cujas montanhas se tinhão acolhido os nossos, fugindo á furia dos Mouros no anno de 717. Hespanha com esta victoria começa a respirar algum tanto, e a cobrar algum alento: e d'aqui tiverão principio as diversas Monarquias, que pouco e pouco se forão levantando em Hespanha apezar da opposição dos Mouros ». *Bellezas de Coimbra*, pag. 14.

LVII

Porem depois d'algum tempo é sómente
De bondosos christãos repovoada
Por Affonso Terceiro, num ardente
Impulso de a ver melhor subjugada
Ao seu dominio atroz e inclemente,
Para a tornar das outras invejada,
P'la sua verdura, p'lo seu Mondego
Que levava dos tempos o segredo [1].

LVIII

Mas não é ainda este o derradeiro
Jugo que *Colimbria* experimenta,
D'ella se apossa Ramiro Terceiro,
A quem Almançôr tiral-a intenta,
E seu desejo feroz e guerreiro
Se satisfaz em guerra bem cruenta,
Guerra cheia de mortes e maldade
Em que se disputava uma cidade.

---

[1] O sr. dr. Mendes de Castro apresenta a pag. 36 do seu *Guia* a
nião do sr. dr. A. Filippe Simões que se inclina a que a cidade
'oada por Hermenegildo em nome de D. Affonso III, rei de Leão
ia a antiga *Conimbrica*. Porem nada mais ha do que meras
ijecturas.

LXIX

Colimbria chorava a oppressão,
E a perda de sua liberdade,
Quando foram dois monges de Lorvão,
Levando só palavras d'amizade,
Aconselhar o gran rei de Leão [1]
Que viesse tomar esta Cidade
A melhor fronteira dos musulmanos
Que elle já guerreava ha tantos annos.

LX

Ouve-os o rei, e cheio de esp'rança
Com os bispos, magnates e abbades
Vem aturado cêrco sem tardança
Pôr a *Colimbria*, crendo falsidades
O que lhe disseram, ao vêr que não cança
A cidade de exercer crueldades
Sobre todos os seus miseros soldados
Assim tão doentes e esfarrapados.

---

[1] D. Fernando Magno conquista Colimbria em julho de 1064, e ha quem diga que foi com o auxilio dos Monges de S. Bento que lhe abriram uma das portas da cidade.

LXI

Já era partido um anno ao meio [1]
E d'essa cruel guerra ainda não
Tinha fructificado o seu anceio
De vêr *Colimbria* na sua mão,
Quando um dia dos muros lá no seio
Se vê abrir uma porta á traição.
D'esta arte todos entram na cidade
Que só se viu render á falsidade.

LXII

Se traição se chama o desejar
Só ser livre como é o pensamento
Quando se busca do jugo livrar
Um irmão nosso, d'aquelle tormento
Em que se vê prestes a expirar,
Como fizeram monges de S. Bento.
Inda hoje este logar por tradicção
É chamado o *Arco da Traição.*

---

[1] D. Duarte Nunes de Leão na *Chronica do Conde D. Henrique* inscreve uma escriptura de doação, que D. Fernando Magno fez aos ades de Lorvão (?), que mostra, que a Cidade de Colimbria se tomou r cêrco de sete mezes, e não de sete annos, como os Chronistas Castenos affirmam. Esta escriptnra, porém, como muito bem diz o Sr. . Mendes de Castro, não passa de ser ainda mais um documento rjado por Fr. Bernardo de Brito.

LXIII

E tambem hoje como por memoria
Das pedras aonde o sangue inda quente
Correra e se gravara, na historia,
Feitos nobres, a rudez, não desmente.
Como que attesta assim a victoria
Que viverá no povo eternamente
Emquanto vetusto e d'alteza dina
Se houver de pé o *Arco d'Almedina* [1].

LXIV

Garboso ainda mesmo na peleja
Via-se feroz, cruel, a batalhar,
Com sua armadura que alveja,
O heroe D. Rodrigo de Bivar,
O *Cid* de espada que relampeja
Aos prateados raios do luar
Que p'rece inda combater p'los amôres
O chefe da ala dos campeadores.

---

[1] Como monumentos d'essa victoria (?) dizia-se termos hoje a Egreja de S. João d'Almedina e o Arco d'Almedina. Está porém provado que tanto um como outro d'estes monumentos são posteriores.

Arco d'Almedina — segundo uns, significa — *porta de sangue*, porém, segundo outros, os conhecedores da lingua arabica, nada mais significa do que a « *parte alta da cidade comprehendida pela muralha* ».

O sr. dr. Mendes de Castro diz-nos tambem que o facto do fecho do arco ser ogival leva a crer que este pertença á epocha portugueza.

« Alli existiu até ao anno de 1870, em que foi levado para a capella do cemiterio, o sino da cidade, que, segundo usanças de antigas eras, se tangia todas as noutes, lembrando aos cidadãos a obrigação de se recolherem a seus domicilios ». Vid. *Guia Hist.*, 2.ª ed., pagg. 131-132.

LXV

De cem batalhas, heroe vencedor
Andava louvando os que se esforçavam
No cêrco, cheios de fome e de dôr
Emquanto os monges lhes não mandavam
Mantimentos á hora do Sol-Pôr [1],
E todos com respeito o acatavam.
Coberto de honras, coberto de gloria
Trouxera sempre os louros da victoria.

LXVI

Donairoso e feroz campeador
É elle entre todos sempre o primeiro
A metter-se impavido, no ardôr
Da peleja, e ao raio derradeiro
D'esse dia, a Infanta, o seu Amôr
Calçava-lhe esporas de cavalleiro [2],
E rica espada seu pae D. Fernando
No Templo já christão lhe estava dando.

---

[1] O sr. dr. Mendes de Castro refere-se a pag. 40 do seu *Guia* a uma riptura que reza que os Mongos laurbanenses vinham soccorrer com ntimentos o exercito sitiante.

Acerca d'esta escriptura já disse qual era a opinião d'este erudito, ꝫ é hoje a mais seguida.

[2] É tradicção que o *Cid* fôra armado cavalleiro depois da tomada da lade, na mesquita maior:

Poucos dias são passados
E na Mesquita d'Agar,
Já christã e baptisada
Stava um cavalleiro a velar
As armas com que no cêrco
Soube a dos mouros falsar.

LXVII

D. Fernando cançado já da guerra
Que tanto o tinha mortificado
A Castella se parte já da terra
Que era capital d'enorme condado [1]
Que amenos rios e campos tudo encerra,
E o auxilio que lhe ha prestado
Com o condado que vai augmentando
Agradece então ao Conde D. Sesnando.

Horas depois D. Fernando
Rica espada lhe entregou,
Deu-lhe a Rainha o cavallo
Em que elle esbelto montou,
E a Infanta que o amava
As esporas lhe calçou:

Era bravo entre os mais bravos
Era dos mouros terror,
Foi armado cavalleiro
Por Fernando o vencedor,
Era D. Rodrigo Dias
Era o Cid — o campeador.

A Tomada de Coimbra, A. X. Rodrigues Cordeiro.

N'uma nota diz o poeta que havia quatro romances populares antigos que diziam ser o Cid armado cavalleiro n'esta cidade.

« *E ainda querem, que o seu cavallo Bavicca, tão cantado nos romances antigos, fosse nascido nos campos do Mondego* ». Brito, *Mon. Lus.*, L. 7, C. 28.

[1] Cuja área comprehendia pelo nascente Lamego, terminando pelo poente com o mar, pelo norte com o Douro, e pelo sul com a fronteira dos mouros. Teve este districto por capital Collimbria.

D. Sesnando era filho de David, rico mosarabe da que depois se denominou provincia da Beira, senhor de Tentugal e de outras terras no territorio de Coimbra.

LXVIII

P'ra dispôr dos terrenos conquistados
D. Fernando lhe dá plenos poderes
Para administrar justiça, e co'os soldados
Se passa á terra de seus haveres,
Onde deixa seus filhos partilhados
Mas não conforme com os seus quereres.
Uma horrenda disputa alevantaram,
E dois partidos logo se formaram [1].

LXIX

D. Garcia, a quem Galliza e Portugal
De seu pae por partilha lhe coubera
Vê D. Sancho do sangue seu, egual,
Annullar tudo o que seu pae fizera,
E dando origem a enorme mal
Mata-lo á traição bem o quizera
Se D. Garcia, usando de cuidado,
Não chamasse General exercitado.

---

[1] « Eram tres os filhos d'El-Rei D. Fernando; e elle como pai estimando igualmente a todos, fórma tres Monarchias do seu Reino. A D. Garcia coube o Sceptro de Galliza e Portugal. D. Sancho annulla as partilhas, e marcha contra D. Garcia, que tinha sua Côrte em Coimbra. Este vendo-se sem General prudente, que o dirija na guerra, manda chamar D. Rodrigo de Froias, que se tinha retirado a Navarra por ter morto um valido do Rei, que opprimia Portugal com sua tyrannia. Volta Camillo de Ardea, e vem salvar a Patria da invasão do inimigo. Apresenta-se D. Rodrigo á testa dos Portuguezes em Agua de Maias, e colhe os louros da victoria, deixando estendidos no campo 540 Hespanhoes. » Corte Real, *Bell. de Coimbra,* pag. 17.

LXX

D. Rodrigo de Froias appressado
Marcha em auxilio de D. Garcia
Que sem general, e só, entregado
Ás suas fracas forças, já se via,
E em *Agua de Maias* [1] arrojado
A gente de D. Sancho já vencia
Quando soube que este de terra em terra
Queria a Santarem ir fazer guerra.

LXXI

Como altivo heroe, feroz e valente
Corre ahi, á pressa, e diz a historia
Que de raiva, o seu peito já tremente,
Excitava seus soldados á gloria
Quando cahiu ferido mortalmente
Carregado co'as palmas da victoria
E que beijando a mão de D. Garcia,
A sua alma, feliz, ao ceu subia!

---

[1] « N'este sitio ha uma Ermida de N. Senhora do Loreto, onde concorre em romaria a gente de Coimbra a 8 de setembro á festa, que alli se faz este dia. É tradicção, que fôra erigida em memoria d'esta batalha ». *Bellezas de Coimbra,* p. 17, A. M. B. Corte-Real.

Não se pode porem admittir esta tradição, pois que esta ermida foi fundada muito mais tarde por Fr. Manuel, ermitão.

Parece ficar este sitio para os lados da antiga estação dos Caminhos de Ferro *(Estação Velha).*

Foi ahi que morreu Massey, um official inglez que jaz sepultado na Quinta de Santa Cruz.

« Depois de ter passeado pelo areal, querendo vadear um lago, que estava defronte da Ponte de Agua de Maias, e que julgava ser pouco fundo, morreo n'elle afogado em 15 de março de 1827. Os Officiaes,

LXXII

D. Sancho já livre d'esse guerreiro
Que o seu exercito tanto temia
Vai agora soberbo e altaneiro
Conquistar *Colimbria* [1] que se rendia
E, vendo o irmão seu prisioneiro,
Formou então a sua Monarchia
De cidades e campos sem egual
Em toda a Castella e Portugal.

---

seus collegas, fizeraõ todos os esforços para que os Conegos de S. Cruz assentissem a que elle fosse enterrado na Quinta do seu Mosteiro; e escrevendo aos pais de Massey, lhe pediraõ que se consolassem ao menos com a lembrança de que o corpo de seu filho ficava enterrado no sitio mais saudoso de Coimbra », pag. 123, nota (a).

« (a) No marmore está gravado este epitafio:

SACRED
TO THE MEMORY OF
ENSIGN R. J. MASSEY
4, OR THE KING'S OWN REG.TE
THIS STONE WAS PLACED
AS A TRIBUTE
OF AFFECTION AND REGARD
BY HIS BROTHERS OFFICERS
OBIIT 15.TIIE MART. A. D. 1827.
ÆTAT. 20.

C. Moore. »

Corte Real, *Bell. de Coimbra*, pag. 121, nota (a).

[1] Era onde D. Garcia tinha a côrte.

LXXIII

Morrera o nobre Conde D. Sesnando
Guerreiro audaz, sem curvar a cerviz
Ao feroz imigo que em desmando
Seu exercito pôr por vezes quiz,
E ficou pouco tempo governando
Seu genro chamado Martim Moniz [1].
D. Sancho morre e das Hespanhas dôa
Ao filho Affonso Sexto a sua c'rôa.

LXXIV

Segue-se Raymundo e por successor
O Conde D. Henrique seu cunhado
A quem Affonso por mero favor,
Como doto da filha [2], havia dado
Um Condado [3] de que elle era Senhor,
E com seu nome já bem celebrado [4]
O Conde morre como audaz guerreiro
Deixando um filho, o Nosso Rei Primeiro.

---

[1] Começou a governar pela morte de D. Sesnando em 1088, (ou 1091?) e em 1094 já apparece como governador do territorio conimbricense e juntamente de Entre Douro e Minho e da Galliza o Conde D. Raymundo, casado com D. Urraca, filha de D. Affonso VI.

[2] D. Tareja ou Thereza.

[3] O Condado de Portugal.

[4] O Foral de Coimbra attribue-se ao Conde D. Henrique; governou-se esta cidade até então pelo que lhe havia dado El-Rei D. Affonso VI, de Leão, do qual ha memorias no archivo da Sé d'esta cidade.

Morreu sitiando Astorga em 1 de maio de 1114.

Do outeiro quero vêr pela assomada
Surgir, como um altar, o grupo ingente
De torres, e edificios :
. . . .
. . . .
. . . .

J. Freire de Serpa.

II

I

Ficara Affonso, mas sua edade,
Que inda governar não lhe permittia,
Não o deixa punir a crueldade
Que já ha muito dos mouros se sentia
E sua mãe os campos da cidade
Não sabe defender como devia
Deixando os mouros, livres, devastar
O que tanto custara a conquistar.

II

Avançam tomando as pequenas terras
Que eram como que guardas avançadas
De *Colimbria* que bem cruentas guerras
Tinha nas suas pedras já gravadas.
Assim marcham atravessando serras
Até Soure, aonde, incendiadas
Encontram as casas e fortalezas
Sem armas, mantimentos e riquezas [1].

Os habitantes de Soure, vendo tomados os Castellos de Miranda do [illegible] e o de Santa Eulalia, abaixo de Monte-Mór, lançam o fogo aos [illegible]os e ás povoações e fogem para os campos de Coimbra.

III

Cheios de horror p'la guerra os povoados
Fugiam p'los campos em debandada
Transpondo, á pressa, montes e vallados
Em busca de sorte bem variada
Ao ouvirem os gritos dos soldados
Que raivosos iam á desfilada
Contra *Colimbria,* que perto se via,
Cidade forte, que se não rendia.

IV

Os mouros ou por medo ou porque viram
Que a cidade não podiam conquistar,
Levantaram cêrco e se partiram
P'ra passado um anno cá voltar [1].
Mais de vinte dias aqui consumiram
Sem a peleja vêr fructificar
E decidem findar as invasões
Fazendo nos campos devastações.

---

[1] Eram commandados pelo wali de Cordova, Yahaya Ibn Taxfin. Vieram a *Colimbria* da primeira vez em 1116, da segunda em 1117 commandados pelo amir de Marrocos, Aly.

V

Formou com forte espada a Monarchia
Um Rei Conquistador, Heroe valente;
De seu pae o sangue não desmentia
Quando na peleja a mão tremente
Lhe girava ao imigo que alem via
E que elle já buscava loucamente
Embrenhando-se ás cegas p'las fileiras
Seguindo de perto suas bandeiras [1].

VI

Aos dezenove annos em guerra accesa
Quer seus direitos reivindicar
E vai, contra sua mãe D. Thereza
Nos campos de Guimarães, pelejar.
Deixando o Conde de Trava [2] e mãe preza
Vai contra os Castelhanos que sitiar
Veem Guimarães, aonde a sorte quiz
Que o salvasse o fiel Egas Moniz.

---

[1] As chronicas arabes referem-se a elle com espanto, chamando-lhe -*Errik.*

[2] Conde de Trava e Transtamara a quem D. Theresa se havia affeido de tal forma que o seu procedimento era estigmatisado pelos ões portugueses indo D. Affonso Henriques contra ella em Guimarães e se achava. Os exercitos contendores encontram-se em *S. Mamede.* Theresa é vencida e expulsa, com o odiado conde de Trava.

VII

Sómente em duras guerras envolvido
Passa a vida sempre a batalhar
E para *Colimbria* [1] só ha volvido
No fim da independencia firmar
Ao velho Portugal, hoje esquecido,
Do tempo que passou p'ra não voltar.
E entre piedosos, como era jus,
Ergueu o Mosteiro de Santa Cruz.

VIII

Monumento grande e bem sumptuoso,
Pagina feita d'um alto sonhar
Arrancada do livro grandioso
D'essa sublime Odyssseia do Mar
D'um grande Povo forte e generoso
Que só mundo soubera dilatar
Deixando padrões altivos de gloria
Como a attestar a sua historia.

---

[1] N'este tempo ainda se chamava Colimbria. « Regnante *in Toleto et Gallecia Adefonso,* in Colimbria Comes Henricus. » (Anno 1100). « Regnante Adefonso Principe in Hispania, in Colimbria Comite Enricu. » (1105). Vid. *Memorias da Academia Real,* tom. VI, p. 7.

IX

De bellos baldaquinos rendilhados,
De magestoso portal e vitraes
Fôra outr'ora só campos povoados
De hortas aprazíveis e olivaes,
Sitios que eram do povo chamados,
E não sei bem porquê, *Banhos Reaes* [1]
Fóra já d'esses muros da cidade
Que viram tanto sangue e crueldade.

X

D. Tello, arcediago virtuoso,
Vendo o sitio tão apropriado
Para o seu pensamento piedoso [2]
De erigir um mosteiro consagrado
Ao divino culto, mas, receioso
Da prohibição do Bispo [3], apressado
Corre a pedir-lhe sua protecção
E ao Rei supplicar sua sancção.

---

[1] *Banhos da Rainha.* Não poude encontrar a origem d'este nome.
[2] Tinha da parte do norte um monte de oliveiras e por isso D. Tello amava-lhe o seu Monte Olivete. Quasi escondida no arvoredo alvejava na capella de Santa Cruz que veio a dar o nome ao Mosteiro.
[3] D. Bernardo (1128-1146).

XI

D. Affonso cede logo o logar [1]
Que D. Tello, rogando, lhe pedia,
Dizendo ser para lá repousar
No fim da guerra ainda algum dia,
E D. Tello vai-lhe grato entregar
Um rico peitoril de pedraria
Que lhe trouxera de bem longes terras
Longe do bulicio, longe das guerras [2].

---

[1] Affonso Henriques dizia na Carta da Doação (?): « E isto vos faço pelo grande amor que do coração vos tenho. » (1167 ou 1129). Não se deve porem dar credito a este chronista, pois que ha muitos documentos que adultera transcrevendo-os na sua chronica. Para provar a pouca confiança que n'elle tem o Sr. Dr. Mendes de Castro bem como alguns escriptores de conhecido merito, veja-se *Guia Hist.*, 2.ª ed., pag. 107 nota (a).

[2] Peitoril para cavallo que trouxe de Constantinopla. *Mon. Lus.* P. 3. L. 8. C. 5.

XII

Lançada a pedra fundamental
De D. Affonso pela propria mão [1]
Junto da Capellinha do olival [2],
Onde iam monges fazer a oração,
Longe da cidade livre do mal [3]
Parece ter com ella o coração
Lançado o grande nosso Rei Primeiro
Nomeando-se Conego Terceiro [4].

---

[1] A 28 de junho de 1131.

[2] Capella de Santa Cruz.

[3] Ao principio para os actos do culto serviam-se da Capella de Santa Cruz.

[4] Podiam casar e viver fora das regras do mosteiro. D. Affonso tinha tanto amor a este mosteiro, que nos intervallos das guerras vinha trocar a couraça pelo habito.

XIII

D. Theotonio, esse santo Prior
Que seguia para Jerusalem [1],
Instado por D. Tello com ardor
Para ficar no mosteiro tambem
Delibera empenhar-se com amor
Pelo seu progresso, e só p'lo seu bem
Despe a couraça e tira a espada [2]
Que vemos p'lo santo burel trocada [3].

---

[1] D. Theotonio, Prior de Vizeu, andava-se despedindo para ir p[illegible] o resto da vida de guarda ao Santo Sepulchro quando entrou, a in[illegible] cias de D. Tello, para o mosteiro com os Filhos de Agostinho [illegible] de fevereiro de 1132. Eram: o Arcediago D. Tello, o Mestre Es[illegible] D. João Peculiar, D. Miguel, Prior da Cathedral, D. Theotonio, Pri[illegible] Vizeu e mais oito companheiros.

[2] « Um sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem de Mafamede enrista a lança:
É Theotonio, prior . . . . »

(*Lusiadas*, c. VIII, est. 19).

[3] Foi o primeiro Prior do Mosteiro.

XIV

D. Tello depois de ter Isempção
Que a Roma elle se partira a buscar [1]
P'r'o mosteiro, que nova construcção
Soffrera por Affonso, que mostrar
Queria a sua grande devoção
Mandando-o d'altos muros cercar [2],
Morre já cançado de insana lide
Balbuciando os Psalmos de David [3].

XV

Foi mais tarde, no tempo em que reinava
D. Manuel o Rei tão Venturoso
Que o mosteiro por terra se lançava
Do tempo arruinado, e já magestoso
Templo nesse logar se alevantava
De ornatos, mil florões tão sumptuoso,
Tão grande e tão cheio de magestade,
Que inspira a Paulo a curiosidade [4].

---

[1] Foi lavrada a Bulla da Isempção em Pizza a 20 de Maio de 1135.

[2] Levantou-se novo Convento com 3 naves e 8 capellas, 3 claustros m 84 cellas, novo refeitorio, maiores officinas, etc. Como o mosteiro :ava fora da cidade e os mouros costumassem fazer suas correrias, man-u-o cercar d'altos muros e erguer para sua defeza algumas torres.

[3] O seu corpo existe na capella de S. Theotonio ao lado do Evangelho, m pomposo tumulo mandado levantar pelo Prior D. Miguel em 1630. todo de jaspe lavrado e embutido de diversas côres.

[4] Como Paulo III desejasse ter conhecimento do que lhe diziam ərca deste mosteiro, o prior de S. Vicente de Lisboa, D. Francisco de ɔndanha fez a descripção do mosteiro, em italiano para lhe ser mandada. Está traduzida em portuguez pelo conego D. Verissimo e acha-se pressa na *Chronica dos Conegos Regrantes.*

XVI

Nos seus muros trabalham mil obreiros
E em cada pedra a alma se imprime
D'uma nação só patria de guerreiros,
E cada relevo como que exprime,
Ainda que feito por extrangeiros [1],
De Portugal um cantico sublime,
Que viverá no mundo eternamente
Emquanto d'esse povo inda houver gente.

XVII

Logo aos primeiros beijos da alvorada
Perolas d'orvalho a cahir nas flôres,
Aquella frontaria [2] tão rendilhada,
Tão sugestiva, cheia de lavores,
Faz-nos lembrar a alma acrisolada
D'esses guerreiros e conquistadores
Que foram demandando o Oriente
Em busca do berço do Sol-Nascente.

---

[1] D. Manoel mandou vir de França tres artifices para a construcção deste Edificio, João de Ruão, Jacques Longuin, e Filippe Uduarte. A elles se juntou Nicolá'o Francez. Vid. *Chron. dos Coneg. Regr.*

[2] « Pena é que a parte mais ornamentada, construida de pedra de Ançã, muito branda e friavel, se tenha deixado carcomer e deteriorar pela acção roedora do tempo. Por esta razão acham-se completamente desfeitos muitos dos seus mais bellos lavores. » Dr. Mendes de Castro, *Guia Historico*, 2.ª ed., pag. 102.

Veja-se o artigo: *A restauração do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra* inserto no n.º 16 da *Gazeta Illustrada* (Coimbra), pelo erudito Sr. Dr. Teixeira de Carvalho.

XVIII

A janella com seus festões vasados,
Pequenos nichos, que enchem os pilares,
Os lindos baldaquinos rendilhados,
As agulhas e os florões aos pares,
Nervuras e capiteis delicados,
As altas cruzes, que se erguem nos ares
São como uma epopeia e elegia
Que o tempo vai roer na pedra fria.

XIX

O *Pulpito,* essa joia peregrina [1]
D'uma tão primorosa execução,
A *Sachristia,* onde pintura fina
Faz divergir muito a opinião [2],
O *Côro* e os *Claustros* d'alteza dina,
As *Capellas* de grande perfeição
Parecem 'star dizendo ás gerações:
Vêde quem fômos, e olhae quem sois.

« Uma joia digna de se fechar em uma medalha ou de se engastar ım annel. » A. Racsynski, *Les Arts en Portugal.*

Na Sacristia existem alguns quadros de muito merecimento, entre ıaes o de mais valor é o do *Pentecostes,* no qual Robinson, consultor ɜllas artes do Muzeu South-Kensington, diz ter descoberto a assigna- — *Valascos,* que traduz por Velasco e considera ser o nome d'um ɪr hespanhol. Ha quem leia *Valascus* e traduza por *Vasco,* celebre ɪr portuguez denominado por antonomasia o *Grão Vasco.*

XX

A *Egreja*, p'ra onde a multidão
Corria a vêr o seu santo [1] Rei Primeiro
E D. Mafalda na transladação
Que lhe fez com pompa o Rei Ventureiro [2],
Aonde Affonso deu o beijamão [3]
Como a sorrir curvando o corpo inteiro,
Parece ainda querer-nos dizer
O que eu nem sequer vos sei descrever [4].

---

[1] Não foi canonisado em Roma mas canonisou-o o povo de Coimbra.

[2] D. Manuel veiu assistir á trasladação do corpo del-rei D. Affonso I para a sua nova sepultura.

Aberto o tumulo antigo, encontraram-se dois ataúdes: um com o corpo inteiro do rei, outro com o corpo de sua esposa D. Mafalda, com mais duas caveiras pequenas e ossinhos de creanças. Eram os restos de seus dois filhos, D. Henrique e D. João.

Abriu-se o tumulo de D. Sancho I e achou-se tambem incorrupto.

[3] No dia 16 de julho de 1520.

[4] « Cidade rica do santo
Corpo do seu Rei Primeiro,
Que ainda vimos com espanto
Ha tão pouco tempo inteiro
Dos annos, que podem tanto. »

Sá de Miranda, carta 5. Est. 9.

XXI

No *Santuario* a curta e forte espada
Com que D. Affonso soube extinguir
Esses Mouros que vinham de avançada
Sobre Portugal para o invadir
Lembra-nos o ser já requisitada
P'ra ser levada a Alcacer-Kibir [1],
Por um Rei Desejado, tão guerreiro,
Que virá em manhã de nevoeiro [2].

---

[1] Diz a *Chronica dos Conegos Regrantes*, Parte 2.ª, liv. 10, cap. 20, que D. Sebastião visitando em 1570 o mosteiro de Santa Cruz e vendo a espada de D. Affonso Henriques, que o prior geral lhe estava mostrando, dissera beijando-a com muita reverencia: « Bom tempo em que se pelejava com espadas tão curtas! Esta é a espada que libertou todo o Portugal do cruel jugo dos mouros sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneração; » e, dando-a outra vez ao prior geral lhe disse: « Guardae, padre, esta espada, porque ainda me hei-de valer d'ella contra os mouros d'Africa. »

Passados oito annos escreveu ao prior geral pedindo-lhe a espada para levar para Alcacer-Kibir. João de Lemos refere-se a este facto na sua poesia *Alcacer-Kibir :*

« E partes . . . levas a espada »

Esta espada serviu tambem a Affonso IV na batalha do Salado que elle ganhou em 30 de outubro de 1340 contra os Reis de Granada e Marrocos. Diz Nicolau de Santa Maria que a espada a deixara o Rei por esquecimento num dos navios da expedição e que nem sequer se chegara a servir d'ella, sendo assim que ella voltou ao mosteiro, d'onde sahiu com algumas pinturas de valor e alfaias para o Porto pela abolição das ordens religiosas em 1834. Hoje guarda-se no Atheneu d'aquella cidade. Ha duvidas porem, se esta espada é a de D. Affonso, ou se está fazendo as vezes da verdadeira que D. Sebastião levou. Vid. *Antiq. Conimbricense*, n.º 6.

Para maior clareza veja-se o *Guia Historico* do Sr. Dr. Mendes de Castro, 2.ª ed., pag. 118.

[2] Diz a lenda popular que D. Sebastião ha-de apparecer n'uma manhã de nevoeiro.

XXII

As *cellas* estreitas como que estão
Para recordar-nos tempos distantes
Em que nellas se dava uma ração
A vinte e quatro pobres, e estudantes
Por ordem depois d'el-rei D. João [1],
Recordam-nos tambem suas estantes
Cheias de livros raros, valiosos,
O centro que ali foi d'estudiosos [2].

---

[1] Os conegos de Santa Cruz distribuiam diariamente 24 rações aos pobres por intenção de S. Theotonio. Mais tarde, porem, D. João III determinou que com a mesma intenção fossem antes distribuidas a 24 *estudantes pobres de bons costumes para estudarem na Universidade.*

Na *Chronica dos Conegos Regrantes* (liv. VII) D. Nicolau de Santa Maria diz a este respeito: « e de muitos sabemos que com esta ração, que vêm buscar á portaria, não só estudaram, mas tambem se graduaram na dita Universidade, e vieram a ser desembargadores e Julgadores d'el-rey, e Advogados nas principaes cidades ».

[2] D. João III manda multar todos os estudantes que nos Geraes e collegios de Santa Cruz não falassem o latim.

Era um centro de instrucção. Tinha os collegios de *S. Miguel, de Todos os Santos, de Santo Agostinho* e *de S. João Baptista.* Tinha uma officina typographica onde se imprimiram varias obras.

No tempo de D. João III foi a congregação reformada pelo irmão de João de Barros, Fr. Braz de Barros, que foi Bispo de Leiria. (*Historia da Universidade de Coimbra,* do Sr. Theophilo Braga, pag. 580, tomo I).

XXIII

Esses *Tumulos* [1] assim grandiosos
Cheios de lavores e inscripções,
Testemunhas só de dias bem ditosos,
São como saudosas recordações
D'uma nação de feitos valerosos,
Patria tão heroica que as gerações
Apontam com espanto a sua gloria
Gravada a sangue no livro — a Historia.

XXIV

Lembram o Rei á pressa do mosteiro
Indo aos termos de Santarem correndo
Com aquelle seu instincto guerreiro
Que feliz sempre os mouros ia vencendo,
Encontrar seu filho prisioneiro [2]
E já os mouros em fugida vendo
Vir e cheio do mystico fervor
Morrer deixando um Rei Povoador.

---

[1] De D. Affonso I e D. Sancho I.

[2] Foi a sua ultima victoria. Foi em soccorro de seu filho D. Sancho, ie estava ali cercado pelos mouros (1184).

Morreu em Coimbra a 6 de dezembro de 1185.

XXV

Nesse sombrio *Portal da Mayestade* [1]
Quantas vezes o rei conquistador
Vinha de joelhos com humildade
Beijar a mão d'esse santo Prior [2],
Que com palavras cheias de amizade
Incitava a expandir seu furor
Contra o terrivel Mouro que atacava
As casas onde o Senhor se abrigava.

---

[1] « O Portal da Igreja está entre duas Torres massiças, de altura mediana, e de canto talhado. Chama-se o Portal da Magestade, porque no seu frontispicio está a Imagem de Deos em figura de relevo de pedra, e em redor estão as imagens de alguns heroes do Velho e Novo Testamento. Já estão carcomidas do tempo; e nos seus nichos se hospedão com ellas as pombas e andorinhas. » A. M. B. Côrte-Real, *Bellezas de Coimbra*, pag. 101-102.

No tempo em que Corte-Real escreveu o seu livro, nada d'isso existia já. Foi naturalmente baseado em documentos antigos que elle fez essa descripção.

[2] D. Theotonio que foi mais tarde canonisado.

Costumava Affonso I no intervallo das guerras vestir o habito dos Monges de Santa Cruz e vir beijar as mãos de D. Theotonio agradecendo-lhe o ter pedido a Deus por elle.

« N'uma das casas de regalo, que ficão ao pé da cascata, está na parede desenhada esta passagem. D. Affonso Henriques, cercado dos seus Generaes, está de joelhos beijando a mão a D. Theotonio, que o veio receber á porta do Mosteiro. » A. M. B. Corte Real, *Bellezas de Coimbra*, nota (b), pag. 100.

XXVI

As abobadas cheias de lavores,
Um primor de esculptura sem rival,
Lembram os primeiros Inquisidores
Que aqui mandou Henrique, o Cardeal,
Com uma carta para os seus favores
Lhes prestar o Padre Prior Geral
E escolherem logar appropriado
P'ra erguer da Fé o Tribunal sagrado [1].

---

[1] D. Timotheo dos Martyres no seu livro sobre a congregação de Santa Cruz, diz:

« No anno de 1541, o Cardeal D. Henrique, Inquisidor Geral, instituio o Tribunal Sagrado da Inquisição de Coimbra: vieram os primeiros Inquisidores e por carta sua pousar a este Real Mosteyro de Santa Cruz, aonde o Padre Prior Geral os agasalhou, e estiveram emquanto se não apparelharam casas aonde podessem n'ellas assentar aquelle Sagrado Tribunal da Fé ».

No *Guia Historico do Viajante em Coimbra*, 2.ª ed., pag. 90:

« Foram encarregados da missão de aqui o estabelecer o bispo de S. Thomé D. Fr. Bernardo da Cruz e o prior de Guimarães Gomes Affonso. Hospedaram-se estes inquisidores no mosteiro de Sancta Cruz, e começaram a exercitar o seu ministerio em 15 de outubro de 1541 (a) ». Depois de citar a *Chronica dos Conegos Regrantes*, liv. 10, pag. 70 continua o erudito escriptor Sr. Dr. Mendes de Castro: « O tribunal não teve a principio edificio proprio, e só mais tarde foi definitivamente accomodado nos collegios de Todos os Santos e S. Miguel na rua da Sophia ».

Foi este tribunal abolido pelo decreto de 31 de março de 1821. Veja-se a historia desenvolvida d'esta instituição no livro supra citado, pag. 89-92.

XXVII

Voltado para o lado do Oriente
Um *Claustro,* que é por tradição chamado
Da Manga, por um Rei magnificente
Do roupão na manga o ter desenhado,
Lembra essa falta que o mosteiro sente
Das aguas que então lhe havia tirado
D'um enorme aqueducto a construcção
Feita á ordem de D. Sebastião [1].

---

[1] Tem este aqueducto 21 arcos e foi mandado fazer por D. Sebastião que incumbiu d'esta obra (1568) o Desembargador Heitor Borges que chegando a Coimbra lhe deu logo principio. Os conegos de Santa Cruz numa noite de luar foram entulhar-lhe os alicerces.

O Desembargador deu logo parte d'isto a el-rei mas Martim Gonçalves da Camera, grande valido d'el-rei, julgando ser desleixo da sua parte, nomeou outro Desembargador chamado Gaula que começou por destruir as fontes que davam agua para o mosteiro e que nasciam á porta da Quinta de Santa Cruz. Sobre este assumpto veja-se a resposta que dá o prior do mosteiro a D. Sebastião (1570) ao vêr uns cysnes a passear nos lagos enxutos. — *Guia Historico,* 2.ª ed., a pag. 121 e *Bellezas de Coimbra* a pag. 166.

XXVIII

Como que altiva 'stá lembrando a torre,
Grande construcção de tempo passado,
Essa tradição que no povo corre
D'um grande thesoiro se haver achado [1]
E o desgosto com que o Prior morre,
Assim fugido; quasi desprezado,
Ao vêr o ludibrio de D. João
Bazeando-se em certa Ordenação [2].

[1] « A 14 d'agosto de 1539 um educando interno do collegio de Todos os Santos, chamado Aleixo de Figueiredo, descobriu um importante thesouro, debaixo das escadas que iam para a torre de Santa Cruz. Subrepticiamente o foi levando para casa de seu pae, por nome Nuno Borges. Sabido o successo, D. Bento de Camões quiz que o thesouro pertencesse ao mosteiro, mas El-Rei reclamava-o para si, baseando-se em certa Ordenação. Os requerimentos e as demandas do D. Prior não tiveram o successo ambicionado: a sentença foi dada a favor de D. João III. » Veja-se Storck, na sua obra sobre Camões, Primeira parte, pag. 185.

[2] O Sr. A. Campos Junior refere-se a este facto no seu bello romance *Luiz de Camões*, vol. I, pag. 132 d'esta forma: « Não vos illudaes. Meu tio perdeu as boas graças de el-rei por ter zelado os direitos e os interesses do seu mosteiro. (*) Ninguem o escutaria. Ha dois annos que deixou de ser o Prior de Santa Cruz e o Cancellario da Universidade. » São estas as palavras que o erudito escriptor põe na bôca de Luiz de Camões sobrinho de D. Bento de Camões.

XXIX

Mas não se contentou em magestoso
Templo Theotonio ter augmentado:
Vai alcançando um logar deleitoso,
Que pouco depois já vemos formado,
Uma linda *Quinta,* onde o tempo iroso
Foi tornando pouco a pouco apagado
O pensamento e suas orações
Que os Monges iam pondo nas inscripções [1].

XXX

Inda *de Santa Cruz* hoje chamada
Só cheia de verdura e só de flôres
Tem sua triste fronte engrinaldada,
E lá n'uma Fonte, a que os trovadores
Sereia chamam, em noite estrellada
Vão doidamente a beijar-se os amores
Num intimo e tão dôce segredar,
Que a lua invejosa os vem espreitar.

---

[1] Tem a *Quinta de Santa Cruz* tres porticos rusticos á entrada do Jogo da bola. No do meio está uma estatua de marmore representando a Fé, nos outros dois a Esperança e Caridade.

Pela parte de fóra lê-se:

Jam Nemus Idalium miraculum contegat artis,
Nec jactet fontes Ida sacrata suos.
Hoc Nemus extollit simul ars et murmur aquarum,
Nec par huic aliud, ni Paradisus, erit.

Pela parte de dentro:

Hunc, ó Munde, Patrum zelus sibi condidit hortum,
Ne repetant fraudes, illecebrasque tuas,
Gaudia nec repetant tua: nam conclusus hic hortus,
Quae sapiunt vera gaudia, solus habet.

Veja-se a descripção da Quinta. *Bellezas de Coimbra,* pag. 115-120.

XXXI

Mas elle vai inda mais prolongando
Muito alem p'r'o Penedo da Saudade
O seu santo mosteiro, que augmentando
Na pompa, fama, e tambem na edade,
Vai até aonde estão professando
As Conegas, já fóra da cidade
E só depois de o ter bem prolongado
É que morre feliz e socegado [1].

---

[1] Como todos os conventos antigos, o mosteiro de Santa Cruz era dobrado, nelle professavam conegos e conegas.

D. Theotonio classificou as freiras da sua Regra:

Inclusas, que viviam fechadas no Mosteiro; *Sorores,* que ficavam em suas casas, mas sujeitas aos Priores com a mesma profissão das Inclusas; e as *Conegas Terceiras* que podiam casar-se. A condessa D. Elvira foi Inclusa, D. Maria Moniz foi Soror; e as esposas de D. Affonso I e de D. Sancho foram Conegas Terceiras.

Estiveram neste mosteiro a Beata Feliciana, Dama da Rainha D. Mafalda, e as Princezas D. Constança, filha de El-Rei D. Sancho I, e D. Maria Affonso, filha do D. Affonso III.

Durou 400 annos, — desde 1124 a 1534 em que D. João III fez passar as Donas d'este convento para o Convento de Sant'Anna que se fundara em 1174 na margem direita do Mondego. Com as cheias do Mondego resolveram então mudal-o para a Quinta da Varzea. Como era o sitio doentio, retiraram-se para S. Martinho do Bispo até que em 1612 se mudaram para o novo Convento de Sant'Anna, mandado erigir fora da porta do Castello, onde está hoje, pelo Bispo de Coimbra D. Affonso de Castello-Branco.

XXXII

O Arcediago [1] por companheiro
Tivera a Onorio, santo prior,
Na fundação d'esse grande mosteiro
A que elle dedicara tanto amor,
D. Onorio porem era o herdeiro
D'outro priorado onde com ardor
Trabalhava, — esse monumento mago
Que é hoje a Egreja de São Thiago [2].

---

[1] D. Tello.

[2] Diz-se ser construcção anterior á fundação da Monarchia portugueza, pois que o companheiro de D. Tello era D. Onorio, e este era, *prior da egreja de S. Thiago de Coimbra* (1131).

Pelos seus caracteres architectonicos pode assegurar-se ter sido erigida no sec. XI. Esteve debaixo da jurisdicção do arcebispo de Compostella (*Guia Historico,* 2.ª ed., pag. 123) e a sua dependencia d'este prelado parece haver terminado a 19 de março de 1183 por uma composição d'esta data entre o bispo de Coimbra D. Martinho e o Arcebispo de Compostella, D. Pedro (Vid. *Noticia Historica do Mosteiro da Vacariça,* por Miguel Ribeiro de Vasconcellos, 2.ª Parte, pag. 38 e 84.)

Segundo nos diz João Pedro Ribeiro, consta do Livro dos Anniversarios d'esta egreja ser sagrada no dia 28 de agosto da era de 1244 (anno 1206). *Observações Historicas e Criticas* (Parte I, pag. 33). Veja-se o *Guia Historico,* 2.ª ed., pag. 124. Veja-se — *Igreja de S. Thiago em Coimbra,* no n.º 2 da *Gazeta Illustrada* (Coimbra), artigo firmado pelo erudito sr. A. A. Gonçalves, que é da mesma opinião de J. Pedro Ribeiro.

XXXIII

Monumento cheio de magestade,
De grande portal e larga varanda [1]
Como que nos mostra a sua edade
Debaixo d'essa forma veneranda.
Do seu aspecto de ancianidade
Agora já de feição miseranda
Só colhemos falsas supposições
Do que seria antes das reconstrucções [2].

XXXIV

A sua tão merencoria fachada
Como que nos está a recordar
Dom Pedro e Dom Alvaro Vaz d'Almada
Quando um dia vieram aqui jurar
Morrerem juntos na batalha esp'rada
Onde foram para não mais voltar [3].
E é tão grave o seu interior,
Que nem o beija um raio do Sol-Pôr.

---

[1] Barbaridade commettida numa das modificações que soffreu. Abriram para isso o oculo que tinha por cima do largo portal hoje encoberto em parte por esta varanda.

[2] Tem soffrido varias alterações de tal forma que hoje nem é mesmo uma semelhança do que foi.

Porem a peor foi o corte que lhe fizeram quando foi do alargamento da rua do Coruche (1858), hoje do Visconde da Luz.

[3] Refiro-me ao Duque de Coimbra Infante D. Pedro e a D. Alvaro Vaz de Almada, conde de Abranches que nesta egreja juraram não sobreviver um ao outro na proxima batalha (Alfarrobeira) com os inimigos.

Cumpriram o juramento. Nenhum sobreviveu.

Referindo-se a este successo diz o *Elucidario* de Viterbo:

« Consagrar. Jurar pela Hostia, ou Corpo do Senhor, que se tem commungado. O Infante D. Pedro, e o Conde d'Abrantes *consagraram*

XXXV

Começava elle então a florescer
No tempo do infeliz Rei (Capello)
Que mandara, sobre outro antigo, erguer
Um soberbo e altaneiro Castello [1],
Que a Historia diz não se qu'rer render
De heroicidade nesse rasgo bello
Devido de Martim á fieldade
Dando a um morto as chaves da cidade [2].

---

ambos de morrer um quando o outro morresse. E para confirmação d'este proposito (ou desproposito) o Infante mandou logo chamar o Doutor Alvaro Affonso, clerigo de Missa, pedindo-lhe lhes desse a Sagrada Eucharistia. Fez o Doutor os seus protestos para que a não recebessem; mas emfim commungaram com signaes de muita devoção e arrependimento. E sobre a Communhão tornaram a firmar solemnemente seus *promettimentos*. E com effeito ambos morreram na desgraçada batalha da Alfarrobeira, segundo o *consagramento, que ambos por isso tinham feito.* Chr. d'El-Rei D. Affonso V, c. 112, e 120. »

O Sr. Dr. Mendes de Castro nota a passagem onde diz Conde de Abrantes, da seguinte fórma: *devia dizer Abranches ou Averanches. Guia Historico,* 2.ª ed., pag. 124.

Este juramento faz lembrar os *saldunes* das Gallias, dois guerreiros que se prendiam com uma cadeia de ferro para não sobreviverem um ao outro nas guerras da sua independencia.

1 Havia uma torre a que chamavam no sec. XVI Torre Quinaria do Castello por ter cinco quinas.

Fôra edificada por D. Sancho I talvez sobre as ruinas d'outra mais famosa que a lenda attribue a Hercules. Tinha 5 quinas e 104 palmos d'alto ou cerca de 23 metros. O fundamento d'esta tradição era uma inscripção, que estava á entrada do Castello, que dizia: *Quinaria Turris, Herculea fundata manu.* Vid. *Historia Breve de Coimbra, Chorog. Port.,* tom. 2.

2 D. Martim de Freitas, Governador e Alcaide Mór de Coimbra, não se querendo render a Affonso II que andava em guerra com seu irmão D. Sancho I e não tendo a certesa da morte d'este, foi a Toledo onde

XXXVI

Das suas torres devia-se avistar
Alem um lindo Valle de Oliveiras,
Onde casitas se vão engastar
Por entre as flôres e as laranjeiras,
Onde Dom Pedro sosinho ia chorar,
Do dia ás horas, tristes, derradeiras,
Saudades d'um amor apaixonado,
Amor p'la Historia memorado [1].

---

elle morrera e fazendo abrir o seu caixão collocou-lhe na mão as chaves da cidade dizendo: « Ahi vos entrego, Senhor, as chaves da Fortaleza, que me tinheis confiado: defendi-a emquanto assentei que ereis vivo; agora que ficaes neste tumulo, reconhecerei por meu Rei vosso Irmão D. Affonso. » *Bellezas de Coimbra,* pag. 141.

O Marquez de Pombal mandou demolir o Castello e edificar nesse logar um Observatorio Astronomico, que não passou dos alicerces.

[1] Vulgarmente diz-se *Penedo da Saudade;* mas Lobo na sua *Primavera, Campos do Mondego,* Floresta III, lhe chama *das saudades,* dizendo: « Nestas razões tinhão já atravessado o monte, e decendo contra o Penedo das saudades, etc. »

Digo Valle de Oliveiras, porque já Lobo diz no logar citado, « não era bem que passassem o Valle das Oliveiras sem alguma cantiga. »

6

XXXVII

Mais alem na outra margem do Mondego
Avistam-se as ruinas d'um Mosteiro [1]
Que nos campos se esconde como a medo
Ao vêr num alto monte sobranceiro
Convento grandioso [2], onde em socego
Sempre o sol deixa o raio derradeiro
Contando-nos a rir velhos amores
Osculando a chorar no campo as flores.

---

[1] D. Mór Dias, Dama illustre do Reino, veiu fundar nas margens do Mondego um Mosteiro de Virgens dedicado a Santa Clara. Lançam-se os alicerces em 28 de abril de 1286.

A ambição dos Conegos Regrantes, allegando o facto de D. Mór professar na sua Religião, faz com que o Mosteiro depois de 25 annos passe para as mãos d'estes cahindo num completo desleixo. Tiradas as rendas, cede-se a casa aos Solitarios de Assis. D. Isabel de Aragão é que o faz renascer mandando-o sagrar na era de 1330 pelo Bispo de Coimbra D. Raymundo Edvard II (1325-1333).

« A Igreja era fabricada de abobadas. Estava dividida em tres naves de cantaria; e a Capella-mór estava acompanhada de duas collateraes, igualmente perfeitas, e a ella similhantes. Como no inverno costumava o Mondego arrojar para estes sitios as suas aguas, foi necessario levantar sobre as casas antigas outro Mosteiro mais alto, e pôr as Capellas e Ermidas sobre a cabeça do claustro. O Mondego porem redobra os seus golpes, e o Mosteiro cae em ruinas. Ainda se conserva debaixo destes restos miserandos o pavimento antigo: é uma cisterna viva, que nem de verão se sécca. » *Bellezas de Coimbra,* pag. 53.

Accrescenta Corte-Real na nota (a) da mesma pagina o seguinte: « Vê-se a agua por uma fresta, que era antigamente janella do templo, e que está hoje rente com o chão para a parte do norte. »

Vej. a historia desenvolvida d'este Mosteiro — Dr. Vasconcellos, *Dona Isabel de Aragão,* vol. I.

[2] D. João IV vendo os estragos que o Mondego tinha feito no velho Mosteiro, incumbe o Conde de Cantanhede (D. Antonio Luiz de Menezes, que no reinado de D. Affonso VI commandou as batalhas das *Linhas de Elvas* em 1658, e de *Montes Claros* em 1665, sendo então Marquez de Marialva) sob o risco do sabio mathematico Fr. João Turriano

XXXVIII

D'outrora nesse velho monumento,
Cheio naturalmente de lavores
De bellos rendilhados, no convento
Que ora esconde de nós os seus primores
Geme só p'las frestas feroz o vento
Mui triste erguendo aos ares só clamores,
E é para isso o vêr esse mosteiro
Agora transformado num celleiro [1].

XXXIX

Essas velhas paredes derrubadas
Pouco a pouco p'lo vento com furor
Lembram os lindos contos só de fadas
E a Rainha [2] dando com fervor
Esmolas ás creanças esfaimadas
Á tarde quasi á hora do Sol-Pôr
Quando triste iam dizendo as suas penas
Do rio Mondego as aguas tão amenas.

(Monge de S. Bento, e Engenheiro Mór do Reino. *Hist. Seraf.*, liv. 6), de erigir um novo mosteiro no Monte da Esperança.

A 3 de julho de 1649 lança-se a pedra fundamental.

[1] No Velho Mosteiro, dependencia da Quinta das Lagrimas desde 1853, anno em que foi comprado por Antonio Maria Osorio, existe hoje um celleiro! « Serve actualmente de celleiro a parte superior ao sobrado, a inferior de córte e abegoaria! » Dr. Vasconcellos, *Dona Isabel de Aragão,* vol. I, pag. 194. Os arcos que existiam foram tapados com muros que alguns arrendatarios mandaram fazer.

Num compartimento contiguo a um outro onde se vê fragmentos d'um altar e que me parece ter servido de Capella estão as paredes denegridas em virtude de terem feito ali um forno!

[2] D. Isabel d'Aragão.

XL

Foi num dia de abril; a madrugada
Vinha inundando já de fulgores
A torre do mosteiro inda orvalhada
P'las perolas d'aurora, multicores.
A Rainha dolente e agitada
Sosinha, segredando suas dores
Á Porta [1] contemplava o ceu d'anil
D'essa manhã suave em pleno abril.

---

[1] Havia uma porta que se chamava *Porta da Rosa,* porque neste sitio, diz Fr. Manuel da Esperança, se convertêra em rosas o dinheiro, que a Rainha Santa levava para os pobres ás escondidas do Esposo, quando este lhe perguntára o que levava, e ella respondêra: *Rosas.* A verdade porem é chamar-se assim devido á rosacea que a encimava e que ainda hoje existe. A lenda das rosas é posterior.

« Havia outra chamada *Porta do Couto,* ou *da cadêa,* por estar nella presa uma cadêa de ferro, que não permittia ás Justiças prender os homiziados, que alli se acolhessem. Esta cadêa ainda se conserva á entrada do novo Mosteiro de Santa Clara. Como estava em posse d'este grande privilegio, já no anno de 1428 deu Sentença o Ouvidor de Coimbra Gil Eannes, que tinha fóros de Couto, e no de 1572 julgou o seu Vigario Geral, que tambem havia immunidade Ecclesiastica. Pelo que ambos mandárão restituir-lhe os presos, que d'ahi tinhão tirado. » *Hist. Seraf.,* liv. 6, c. 17. « Ainda existe a antiga *Porta do Couto;* no cimo d'ella está este lettreiro: *Esta obra foi feita na era de 1587 annos, sendo Abbadeça deste Convento D. Antonia de Castro.* » Hoje, bem como a *Porta da Rosa,* serve de lado á cisterna de que já fallei. *Bellezas de Coimbra,* nota (b), pag. 53.

Numa porta *(da Rosa)* encimada por uma rosa em cantaria, encontrei eu ha dias na parte superior da abobada (que é o que nos resta visivel) sómente duas letras: O H, que supponho ser marcação das pedras, pois todos os capiteis no interior estão eivados d'ellas.

É esta porta, hoje tapada, que serviu em março de 1872 para S. M. I. o sr. D. Pedro II do Brazil vêr a medonha cisterna que ahi existe, onde antigamente era o côro.

No dia 12 de setembro de 1902 andando alguns trabalhadores a commetter a barbaridade de fazer uma nova parede com o fim de no recinto

XLI

Nem uma ave o espaço azul cruzava,
Nem um raio do sol, a beijar-lhe a fronte,
D'esse Astro-Rei tão bello, que espreitava
Já alem, muito alem naquelle monte
A Santa, que co'a vista procurava
Sondar o que se passa no horizonte.
Que a faz assim pensar? talvez a guerra
Travada para alem d'aquella serra [1].

---

im formado com o seu levantamento, seccar o milho da insua visinha, avaram um pouco numa parede e deram com um arco d'uma porta que Corte-Real se refere chamando-lhe *janella)* ao nivel da abo-la que formava o pavimento onde estavam. Escavaram mais e a riosidade levou-os a collocar uma escada nessa abertura, firmando-a m no lodo da cisterna para onde a porta deitava. Desceram por a e eu imitei-os. Com um candieiro de petroleo de que me servi da mais consegui ver do que uma capella de pequenas dimen-es onde tiras estreitas de azulejo corriam ao longo das naves. Mais ra alem uma porta rendilhada (antes da *Porta da Rosa* que eu já não ι). Depois sómente escuridão. No dia 13 repeti as minhas investi-ções, mas d'esta vez munido já d'uma lanterna de gaz acetylene. Vi uco mais: tres naves, numa meia escuridão, a *Porta do Couto* escon-la nas aguas, a mesma porta cujo rendilhado vi nitidamente ser feito r mãos postas como que orando. E nada mais. A agua encobria-me resto.

No interior do Convento ha algumas pinturas que devem ter sido tas ha pouco tempo pois que condizem com a que existia (hoje só ha agmentos) no *Cano dos Amores* onde se vê quasi totalmente destruido final d'uma estancia camoneana:

FLORES
MORES
XXXV

[1] Guerra que D. Diniz teve com Affonso X de Castella, de que sultou o casamento de seus filhos D. Affonso e D. Constança com os fantes hespanhoes D. Brites e D. Fernando. A Rainha Santa Izabel

XLII

O campo respirava o ambiente
D'essa linda manhã de primavera
Toda cheia do encanto assim plangente
Que nos olhos reaes como que impera.
P'r'o pequeno jardim onde a verde hera
Se prende ao muro num viver contente
Volve ao acaso o olhar maguado
E vê um mendigo a chorar — coitado!

---

morreu em Extremoz, a 4 de julho de 1336. Foi sepultada no Mosteiro de Santa Clara a 12 de julho de 1336; foi para aqui conduzida de Extremoz em 7 dias. Foi canonizada pelo Papa Urbano VIII em 25 de maio de 1625. Trasladou-se o seu corpo para a tribuna da capella mór a 3 de julho de 1696. O tumulo de pedra mandado fazer pela propria Rainha D. Isabel ainda hoje existe.

« Conservou-se neste tumulo o corpo da santa rainha desde a sexta-feira 12 de julho de 1336, até á quarta-feira 27 de outubro de 1677, em que foi extrahido, a fim de ser dois dias depois solemnemente transladado com a communidade clarista para o novo mosteiro. » Dr. Vasconcellos, *Dona Isabel de Aragão,* vol. I, pag. 63.

Hoje faz-se a sua festa em julho. A sua nova imagem que sahe em procissão de dois em dois annos, do convento novo de Santa Clara para o mosteiro de Santa Cruz e dias depois d'este para aquelle, é uma primorosa obra d'arte do esculptor portuguez Teixeira Lopes mas que já não infunde no povo conimbricense (isto diz o proprio povo) aquelle respeito que inspirava a antiga imagem dando rosas como esmola ao pobre que tinha ajoelhado a seus pés.

O Tumulo de prata onde hoje se conserva o seu corpo, foi mandado fazer pelo Bispo D. Affonso de Castello-Branco que gastou n'elle 15 mil cruzados. Fallando d'este tumulo diz o Sr. Dr. Vasconcellos numa nota a pag. 12 do vol. I do seu livro:

« Referindo-se a este cofre, diz Gasco na sua *Conquista, antiguidade e nobreza de Coimbra:* " Depois disto lhe fez Dom Affonso de Castello Branco huma riquissima sepultura de finissima prata, que lhe custou

XLIII

Ha dias que elle andava mendigando
Alguma coisa só para levar
A seus filhos pequenos que, chorando,
Sem comer por certo deviam estar.
O accaso assim quiz que fosse andando
Á beira do muro onde o doce olhar
Da bondosa Rainha pensativa
O faz parar e como que o captiva.

XLIV

Ella era para os pobres caridosa,
Tratava todos com doce brandura,
Para os ricos ella era desdenhosa
E franzia os labios com amargura
Ao vêr passar equipagem famosa
Emquanto c'o manto da Noite-Escura,
Se abrigavam os tristes, desgraçados
Dormindo como cães pelos vallados!

---

quinze mil cruzados, que é huma das notaveis que se sabe, cercada com umas grades mui grossas de fina prata, de altura de dez palmos, além de ter dado trinta mil cruzados para a santificarem. No meio dellas se vê de letras de ouro este epitaphio: — Dom Affonso de Castello Branco, Bispo de Coimbra, fez esta obra em louvor da Rainha Santa. Anno de 1614. — " Op. cit., pag. 140. A respeito d'estas grades creio que o autor laborou em um equivoco; naturalmente refere-se ás que interceptavam pelo lado da igreja o arco, onde devia ser collocado o tumulo. (Vid. pag. [185] ad med.) Quanto á inscripção, a que alguns outros auctores se referem, nada sei. »

XLV

Chamou o rôto mendigo, que outr'ora
Já fora talvez um grande senhor,
E que assim esfaimado andava agora
Pedindo uma esmola cheio de Dôr,
E ia a dar ao faminto que já cora
De felicidade ao ver seu fulgor
Uma pequenina moeda em oiro
Que faria decerto o seu thesoiro [1],

XLVI

Quando ouve ao longe um vago rumor,
Que se vem pouco a pouco approximando
E ao sol d'esse dia abrazador
Avista D. Diniz, que vem chegando
De Castella até onde o seu ardôr
Pelas pelejas o fora levando.
El-Rei vê o pobre e vai perguntar
Á bondosa Rainha o que lhe ia dar.

---

1 Em terras de Portugal
Uma Princeza reinava
A quem o povo leal
Luz dos seus olhos chamava.

A vista só do seu manto,
Por onde quer que passasse,
Córava a todos a face,
Seccava a todos o pranto.

. . . .

Manuel da Silva Gaio, *Mondego*, « Rosas Santas. »

XLVII

Com o seu gesto brando e tão suave,
Para os mendigos a dar nunca escasso,
Com um olhar repleto de bondade
Ella abre, rindo, ao Rei o seu regaço
E como num timido gorgeio de ave
Lhe diz: são flores que eu levava ao paço,
E do seu manto cahem só lindas rosas
Onde volteiam loucas mariposas [1].

XLVIII

E é essa lenda tão bella das flores
Que no povo já está arreigada
E pintada com bem diversas côres,
E o ter estado alli abrigada
D. Ignez, junto ao *cano dos amores* [2],
Que faz com que a sua velha fachada
Tenha essa tristeza que tem o pranto
E um certo tom de sereno e santo.

---

[1] Lenda que se arreigou no povo portuguez e que envolve a figura da nha numa aureola de milagre. Veja-se *Dona Isabel de Aragão.* Vasconcellos, vol. I, parte I, pag. 5 e segg.
Esta magnifica obra elucidará todos os pontos que sobre o mosteiro ho e o novo de Santa Clara eu não posso desenvolver como seria ciso.

[2] « Para aqui vinha a agua da Fonte dos Amores por um cano, que da conserva este nome. É tradição em Coimbra, que o Infante Pedro remettia por elle a D. Ignez de Castro os seus escriptos de ores, quando ella estava no Convento: servia-se para este fim, undo dizem, de uma barquinha de cortiça presa por um cordel, com a puxava para lhe trazer as respostas. D'este modo servião as as de correio ao Amor. Mas a pouca inclinação, que tem este cano,

XLIX

Lembra um guerreiro, audaz conquistador,
Que cançado dos perigos da guerra
Fosse acalentar sua triste Dôr
Sumindo-se como a mêdo p'la terra,
Onde ora se cantam canções de amor
Ao sulcar dos campos, junto da serra [1],
Onde os camponezes de quando em quando
Vão beijos tão suaves tilintando.

---

dá bem a conhecer ser isto uma fabula, como observa Fr. Manoel da Esper. *Hist. Seraf.*, liv. 6, c. 10. » ***Bellezas de Coimbra,*** nota (a), pag. 48. Junto do mosteiro erguiam-se os Paços da Rainha e o hospicio.

« Contiguas ao paço e hospicio havia algumas outras casas mais modestas, constituindo dependencias dos mesmos: alli habitavam algumas pessoas ao serviço da rainha. Foi nestas casas que teve a sua origem o velho burgo de Santa Clara. » Dr. Vasconcellos, ***Dona Isabel de Aragão,*** vol. I, pag. 200.

Foi nestes Paços, de cujo terreiro partia para oeste a rua das Parreiras, que viveu mais tarde D. Ignez de Castro.

« Em a noite de 23 para 24 de fevereiro de 1559 ruiu finalmente o paço da rainha D. Isabel. As ruinas foram aforadas pelas religiosas ao hortelão do convento, Diogo Dias, por escriptura de 25 de maio de 1598. Identica sorte veiu a ter em breve a casa do hospicio; cahiu algum tempo depois do paço, ignoro porém o anno. Deprehende-se de uma escriptura, datada de 18 de abril de 1600, que já por essa occasião se achava aforado o local onde havia sido o dito hospicio. » Dr. Vasconcellos, *Dona Isabel de Aragão,* vol. I, pag. 210-211.

[1] Hoje existe no antigo logar dos jardins do convento uma insua cultivada que vai até ás margens do Mondego.

L

Aquelle vetusto e tão nobre aspeito
Parece soluçar sempre um queixume
Contra o tempo iroso, que lhe ha desfeito
O que tinha mais bello e se resume
Ora sómente no santo respeito
Por aquelle logar, onde o perfume
Se evolava ondulante do altar
Onde hoje se canta, onde se ia rezar [1].

---

1 « Como tudo está mudado!
Aqui vinha um povo immenso,
Illuminavão-se as aras,
Subião nuvens de incenso.

« A sêda ornava as paredes,
Retinião santos hymnos,
A oração aos Ceos voava,
Ouvião-se alegres sinos.

« A infancia trazia flores,
Preces a idade madura,
Remorsos o criminoso,
Suspiros a formosura.

« Agora silencio e morte! »

Castilho.

LI

Esse monumento assim enterrado,
Entre os campos, já perto do areal,
Faz-nos lembrar logo um Rei Desejado
Vindo p'ra ouvir um sermão sem egual [1],
E que foi com pompa ahi celebrado
D'um nosso rei o hymeneu real [2]
E quedamos a recordar na mente
O que já se não vê mas que se sente.

LII

Lembra-nos uma bem sentida prece
Que a natureza ahi alevantasse
Para que o veu da noite que desfallece
Os dolorosos prantos não levasse,
De Pedro para quem Ignez fenece,
Não sem que a Historia os memorasse;
É assim que ali, morta, é coroada
De D. Pedro, Ignez, sua doce amada [3].

---

[1] D. Sebastião desejando ouvir D. Fr. Bartholomeu dos Martyres veiu assistir ao Sermão que elle prégou no Mosteiro Velho de Santa Clara, a 21 de janeiro de 1571 (domingo). Veja-se o assumpto do sermão, *Vida de D. Fr. Barth. dos Mart.*, liv. 4, c. 2., e *Hist. Seraf.*, liv. 6, c. 21.

[2] « E é de notar, que por se estrear bem ElRei D. Duarte, celebrou seu Recebimento na Igreja de Santa Clara de Coimbra junto da sepultura da Rainha Santa Izabel. » *Mon. Lus.*, liv. 16, c. 33, pag. 66, *Hist. Seraf.*, liv. 6, cap. 21, n.º 5. Refere-se ao casamento de D. Leonor e de D. Duarte que foi realisado neste Mosteiro a 22 de setembro de 1428.

[3] Foi neste Mosteiro que D. Ignez sahiu do tumulo para receber as honras de Soberana.

LIII

Pouco a pouco e vista mais alongando
Outro Convento enorme e sumptuoso
Lembra-nos, o tempo que foi passando
Nas suas mudanças, o rio iroso
Que seus muros no inverno ia assolando
Sepultando na areia o magestoso
Templo que antes d'elle já foi fundado
E por um Arcebispo foi sagrado [1].

---

[1] Convento de S. Francisco da Ponte.

Foi por ter entrado na egreja d'este convento, diz a tradição, que se salvou um pagem da Rainha Santa. Foi assim:

Um pagem joven e formoso de 20 annos era querido por todas as damas do paço e Dona Isabel protegia-o pelo facto de elle ser orphão, pois era filho d'um guerreiro que morrera combatendo os mouros.

Rui Affonso pagem de D. Diniz e que ajudara o rei a requestar uma donzella com quem tinha amores illicitos, invejoso da protecção que concediam a Urias (assim se chamava o pagem), escolheu a occasião de ir com o rei e com a corte para uma caçada a caminho de Condeixa, para lhe dizer que Urias requestava a Rainha Santa e a andava a diffamar.

El-rei iroso chama um forneiro que andava trabalhando nuns fornos á beira da estrada e ordena-lhe que queime o pagem que elle lhe mandar ao outro dia de manhã perguntar-lhe — se estão cumpridas as ordens d'el-rei. Não quiz já ir á caça e mettendo esporas ao cavallo parte para Coimbra.

Ao outro dia Urias é mandado ao forno, mas como fora educado pela Rainha Santa e ella lhe ensinara a ir á missa e a prestar culto á Egreja, passa por S. Francisco da Ponte e entra para ouvir a missa. Atraz da primeira veiu a segunda, depois a terceira e assim foi ouvindo todas as missas d'aquelle dia.

Rui Affonso, porém, desejoso de saber se estava já livre do seu rival, apressou-se a ir ao forneiro perguntar — se tinha cumprido as ordens d'el-rei. O forneiro julgando ser elle o pagem em que el-rei lhe falára, mette-o no forno não attendendo ás suas supplicas. Quando Urias chegou, o forneiro muito contente por ter cumprido as ordens, mostrou-lhe os restos do seu rival. Chegado que foi ao palacio o rei

LIV

Que pelejas ahi se não travaram
Entre D. Diniz e o seu successor
Quando crueis invejas o levaram,
Vendo Affonso Sanches, mordomo-mór
Com a alta estima com que o honraram [1],
A atacar seu pae, cheio de furor [2].
Que razões ahi não allegaria
A Santa que findada a guerra via [3]!

---

perguntou-lhe se tinha cumprido o seu mandado, e como elle lhe dissera o que o forneiro lhe mostrara D. Diniz percebeu então a trama que Rui Affonso tinha tecido e fez com que Urias fosse logo armado cavalleiro. Urias morreu pelejando na batalha do Salado.

Havia uma Ermida de S. Antão, que foi onde a Rainha D. Urraca esposa de Affonso II hospedou os Discipulos de S. Francisco d'Assis. Estava ella então no logar onde hoje se chama S. Antonio dos Olivaes ou por se ter alatinado o nome ou por nelle professar S. Antonio.

Pertencia ao Cabido da Sé de Coimbra. Mais tarde porem estes atravessaram a Ponte e vieram fundar novo Convento nas margens do Mondego que dentro em pouco o começou a invadir de tal forma que no tempo de D. Manoel, foi preciso ir procurar novo logar para a sua fundação. Foi escolhido o monte onde alveja uma Ermida de Nossa Senhora da Esperança que deu o nome ao Monte.

O Convento da margem do Mondego hoje sepultado em areias, sem nos deixar indicio algum, foi sagrado por D. Vasco, Arcebispo de Toledo, a 20 de fevereiro de 1362. A mesma invasão do Mondego soffreram todos os Conventos que ficavam nas suas margens, como os de S. Clara, S. Anna e S. Domingos.

[1] D. Affonso moveu guerra a seu pae levado pela inveja da estima que este tributava a seu filho bastardo D. Affonso Sanches, seu mordomo-mór e a quem os fidalgos honravam em demasia.

[2] Foi nesse antigo convento (?) que D. Diniz se refugiou para se defender.

[3] Depois d'alguns combates terminou esta guerra pela intervenção da Rainha Santa Isabel, retirando-se D. Affonso Sanches para Castella onde seu pae, D. Diniz, lhe deu terras para se sustentar.

LV

Que enorme dôr D. Fernando não sentira
Quando sobre as torres a tremular
A bandeira castelhana um dia vira
Symbolo da corôa que usurpar
Com alliança [1] queria, mas que, á mira
D. Henrique, Coimbra vem tomar [2]
Marchando á pressa com seus soldados
P'ra fazer respeitar os seus tratados.

---

[1] « El Rei D. Fernando, tendo noticia, que o Duque de Lencastre, ıo de D. Duarte III, Rei de Inglaterra, tomára o titulo de Rei de stella, por cabeça de sua mulher D. Constança, filha mais velha de Pedro, o cruel, apezar de haver sido um dos pretendentes da Corôa, olveo-se a ligar-se com o Duque. El Rei D. Henrique poz-se em :esa; e sabendo que em Lisboa lhe arrestárão alguns navios de seus ssallos, mandou-os pedir a El Rei. Influido o Castelhano pelos conse-ıs do Infante D. Diniz, que El Rei quizera matar a punhaladas ı transporte de colera, e que fugira para elle, o qual dizia que facil-nte podião obrigar o Rei de Portugal a pedir pazes, e a observar os tados, mandou seu filho D. Affonso no coração do inverno, com ınde parte do corpo do exercito, e que entrasse em Portugal por uma nda, emquanto elle entrava por outra com o resto. Apoderou-se de zeu, e marchou para Coimbra ». Corte Real, *Bell. de Coimbra*, ta (a), pag. 65.

[2] « Os Historiadores Portuguezes dizem, que elle tomou esta cidade: ıs os Historiadores Hespanhoes, que tem razão de o saber, affirmão, e sabendo El Rei D. Henrique como nella se achava de parto a ınha D. Leonor, lhe mandou fazer um cumprimento mui urbano, e zer-lhe, que a não queria incommodar, e que por isso marchava para sboa; mas que as suas tropas, ou por traição, ou por interpreza se oderárão da parte inferior da Cidade, e El Rei se alojou no Convento S. Francisco d'além da Ponte. Nunes do Leão, Ferreras, *Chron. de l-Rei D. Henrique*. Vid. *Hist. Portug.*, traduzida por Moraes, tom. ı, g. 283, e *Hist. Seraf.*, liv. 6, c. 21 e seg. ». Corte Real, *Bellezas Coimbra*, pag. 66, nota (a).

LVI

Foi nesse des'parecido mosteiro
Que outr'ora já fora rei aclamado [1]
O velho, experimentado guerreiro
Que em Aljubarrota ha desbaratado
A flôr de Castella o que o povo inteiro
Terá na memoria bem gravado
Emquanto uma pá houver que a Historia
Aponta como um tropheu d'essa gloria [2].

LVII

D'esse Mosteiro, no Monte da Esp'rança,
— Que é hoje uma fabrica de tecidos [3],
Cercado de casas onde não cança
O Sol de pousar raios atrevidos
Beijando á janella alguma creança
Que ri ao vel-os sobre si detidos —
Como num sonho, avista-se a Cidade
C'roada, alem p'la Universidade [4].

---

[1] Diz-se ter sido ahi aclamado o Mestre d'Aviz em 6 d'abril de 1385. O assento das Côrtes e Auto da Acclamação, trazem-no tirado da Torre do Tombo — José Soares da Silva nas *Mem. d'El-Rei D. João I.* Tom. 4. Docum. n. VII., e D. Antonio Caetano de Sousa nas *Provas da Geneal. da Casa Real,* tom. I, pag. 340.

[2] A pá de que uma padeira se serviu para matar sete castelhanos.

[3] Fabrica de lanificios de Planas & Pousá.

[4] A Universidade fica na parte superior da cidade. É fundando-se no aspecto da cidade que parece um altar ou antes uma pinha de casas, que alguns escriptores dizem *Conimbrica,* de *Conus,* que em latim é *pinha.*

LVIII

Edificio, foco de instrução,
Feito a instancias de prelados
E dos abbades que esta petição
Fizeram sendo todos combinados
Em contribuir p'ra sustentação
De obras e de feitos assignalados
Com que assim a nossa terra ornaram
E nosso velho nome alevantaram [1].

---

[1] A Universidade foi fundada por D. Diniz.

« Um dos factos mais assignalados do seu governo é a creação da iversidade portugueza. Esta instituição foi-lhe proposta ou pedida los prelados, abbades e reitores de varios mosteiros e egrejas, os aes *lhe rogaram encarecidamente se dignasse de fazer um geral udo na sua nobilissima cidade de Lisbòa.* El-rei ouviu benignaente a petição, . . . »

« . . . assentaram em que os salarios dos mestres e doutores se gassem das rendas das mesmas egrejas e mosteiros, e arbitraram a mma com que cada um havia de contribuir, reservando congrua stentação. Sr. Dr. Mendes de Castro, *Guia Hist.,* pag. 169. Vid. ta (a).

LIX

Dom Diniz ouviu-os benignamente
E por satisfazel-os a fundou
Na Capital [1] sem que haja nada assente
Sobre a data ou o tempo que levou
Sua construcção, pois sabe-se sómente
Da Bulla *De Statu* [2] que a confirmou,
E que contribuiu p'ra fundação
De D. Diniz a grande illustração [3].

---

[1] Coimbra até D. João I foi a Côrte dos nossos Reis. O estado atrazado da Navegação e do Commercio fazia com que se desprezassem as praias do mar e fosse escolhida para capital a cidade que estivesse no centro do Estado. As Cortes de Coimbra pediram a D. João que assentasse sua Côrte em Lisboa não desprezando os tributos do Tejo. Coimbra cedeu o seu logar.

Em Coimbra foram jurados em Côrtes como successores do Reino: D. Sancho I (1180); D. Affonso II (1213); D. Affonso III (1261); D. João I (1385) e D. Affonso V (1432). *Chorograf. Port.*, tom. 2.

Coimbra foi Ducado por trez vezes: a primeira a favor do Infante D. Pedro, creado por D. João I em 1415; a segunda a favor de D. Jorge, filho natural de D. João II e a terceira a favor do Infante D. Augusto, filho de D. Maria II em 1867.

[2] « Não consta precisamente o anno da instituição da universidade, mas é certo que no anno de 1290 estava ella já fundada como se deprehende da bulla *De Statu regni*, que a confirmou, passada em Urbieto pelo papa Nicolau IV aos 5 dos idus de agosto do anno 3.° do seu pontificado (9 de agosto do anno de Christo 1290).

Esta bulla é dirigida « aos amados filhos e universidade dos mestres e estudantes de Lisboa » (*Dilectis filiis Vniversitati Magistrorum et Scolarium vlixbon.*) . . . *Guia hist.*, pag. 170.

[3] D. Affonso III residindo bastante tempo em França onde o estado de cultura intellectual estava mais adeantado voltou a Portugal trazendo alguns mestres francezes, entre os quaes se distinguiu Aymeric d'Ebrard,

LX

As discordias que logo os estudantes
Tiveram com alguns dos moradores
Levaram El-Rei volvidos instantes
A passal-a a esta terra só d'amores,
De sonhos tão fagueiros e brilhantes,
Que fazem milhares de trovadores [1],
Terra propria para meditar
Só de sonhos, de noites de luar.

---

como proffessor de D. Diniz, que logo no primeiro anno do seu reinado o fez bispo de Coimbra (1279).

Este foy paz de Reys, e amor das gentes,
Grande Diniz, Rey nunca assaz louvado.
Outros foram nũa só cousa excellentes:
Este em todas nobreceu seu estado.
Regeo, edificou, lavrou, venceu,
Honrou as Musas, poetou, e leo.
(Antonio Ferreira).

[1] « Pouco tempo permaneceu a universidade em Lisboa depois da sua instituição. Algumas discordias entre os escholares e os moradores da cidade levaram el-rei D. Diniz a transladal-a para Coimbra. » *Guia Hist.*, pag. 171.

LXI

Pela bulla não quiz El-rei esp'rar [1]
E logo mudou para esta cidade
Esses uteis estudos que a fundar
Lhe deram custo, a Universidade
Que vinha por todo o reino espalhar
Estudo, Sciencia e a Verdade,
O foco enorme da sabedoria,
Cuja luz por toda a parte irradia.

LXII

Passa em seguida uma provisão
A favor d'este estabelecimento [2]
Em que revela a consideração
Que tinha por este seu alto intento
A que sempre dispensa protecção
Bem como á forma do ensinamento [3].
E com solicitude paternal,
Reparava tudo, evitava o mal.

---

[1] « Esta mudança foi auctorisada por uma bulla de Clemente V datada de Poitiers de 26 de fevereiro de 1308; mas é de notar que el-rei não esperou pela bulla para effectuar a transferencia, pois que em janeiro de 1307 já a universidade se achava estabelecida em Coimbra. » *Guia Hist.*, pag. 171. Vid. notas.

[2] Carta ou provisão passada em 15 de fevereiro de 1309. Muitos consideram este documento como os seus primeiros estatutos.

[3] « Sam interessantissimos os privilegios que D. Dinís concedeu á Universidade, já estabelecida em Coímbra. Revela-se nos respectivos diplomas não só a consideração que aquelle monarcha dispensava a este instituto de ensino por elle fundado, mas até a sollicitude paternal, com

LXIII

D. Affonso [1], querendo vir viver
Para as suas Alcaçovas Reaes,
Passa-o para Lisboa até ter
Os aposentos de que precisa mais
E é assim que nós hemos de vêr
Só mudanças nas *Escolas geraes* [2]
Em D. Fernando e D. João terceiro [3]
Que destrue muito abuso costumeiro [4]

---

que previa todas as necessidades e attendia a todas as conveniências dos estudantes e suas familias; merece a referência especial a legislação, que estabeleceu, para evitar que os senhorios das casas em Coímbra exigissem rendas excessivas aos estudantes.

A Universidade ficava sendo um instituto independente, e com vida própria; . . . ». Dr. A. de Vasconcélloz, *Annuario da Universidade de Coimbra* (1901-1902), pag. 4, secção II.

[1] D. Affonso IV, mudou-a para Lisboa em 1338.

[2] Nome que se dava á Universidade, no tempo de El-rei D. Diniz.

[3] A Universidade foi fundada em Lisboa em 1290 e transferida para Coimbra, pela primeira vez, em 1308. Voltou para Lisboa em 1338; foi novamente transferida para Coimbra em 1354; para Lisboa, outra vez, em 1377, e afinal para Coimbra em 1537.

[4] « Nos exames privados de licenceado, o examinando dava ceia e beberete aos examinadores, durante as noites em que houvesse provas; mas como as ceias ficassem caras e fossem, portanto, um pesado sacrificio para os estudantes pobres, D. João III estabeleceu que só lhes dessem *consoada;* porém esta mesma se lhes tornava dispendiosa e não contentava os lentes. Então ordenou el-rei que acabassem as consoadas e que os examinandos se limitassem a dar uma ceia aos lentes, depois de todas as provas do exame privado, a qual havia de compôr-se *de uma gallinha ou perdiz assada a cada doutor e até duas fruitas, hua na entrada e outra na sahida, e se fôr dia de pescado darã hua soo iguaria de pescado e duas fruitas como dito he.*

« Era uma imitação do que estava disposto nos Estatutos da Universidade de Salamanca, em vigor desde 1538, sem as guloseimas dos confeitos, do manjar branco e d'outras designadas naquelles estatutos. » A. Campos Junior, *Luiz de Camões*, vol. I, pag. 107, nota.

LXIV

Por em Santa Cruz [1] não haver logar
Para as aulas da Universidade
D. Garcia [2] cede para as installar
A sua casa, cheio de bondade,
Á *Porta de Belcouce* [3] onde ao passar
Se vê hoje uma ruina já d'edade
Avançada a que o povo, ao vel-a,
Chama o velho collegio da Estrella [4].

---

[1] O Mosteiro de Santa Cruz, era então como que uma dependencia da Universidade, pois que lá funccionava a maior parte das suas aulas como já tive occasião de dizer.

« O desenvolvimento do corpo escolar perturbava o recolhimento e clausura dos regrantes e o Prior D. Dionizio, então Cancelleiro da Universidade, escreveu a D. João III, pedindo-lhe para passar a Universidade dos estudos para a cidade alta para os *Paços d'El-Rei.* D. João III attendeu-o em carta de 22 d'outubro de 1544, escripta de Evora. » Theophilo Braga, *Historia da Universidade de Coimbra,* pag. 458, tom. I.

[2] « 1. D. Garcia d'Almeida, nomeado a 1 de março de 1537. Foi sob o seu governo, exercido gratuitamente segundo a disposição dos Estatutos manuelinos então em vigor, que a Universidade se estabeleceu em Coimbra, começando aqui a funccionar no principio de abril de 1537. A 2 de maio abriram-se os primeiros cursos nas proprias casas do reitor, sitas á porta de Belcouce, onde mais tarde se construiu o collegio da Estrella. Por carta de 23 de setembro ordenou el-Rei que as aulas se transferissem para os seus proprios paços, onde fôra a antiga Alcáçova, e onde ainda hoje se acha situada a Universidade; aqui principiaram a funccionar em outubro do mesmo anno. O governo deste reitor estendeu-se até meado de novembro. » Relação dos Reitores da Universidade, *Annuario da Universidade de Coimbra* (1901-1902), pag. 15, secção II.

[3] Era uma das portas da cidade.

[4] D'este Collegio resta-nos exteriormente os escombros d'um violento incendio que n'elle se ateou pelas 2 horas da madrugada do dia 27

LXV

D. João no intuito de proteger
Esta valiosa instituição
D'umas casas que mandara fazer [1]
Ás Escolas Geraes faz doação
E p'la Europa se propõe escolher
Só professores d'alta illustração [2]
Fazendo então da Universidade
Um luzeiro de Sciencia e de Verdade.

(domingo) de janeiro de 1895, terminando o rescaldo ás 11 horas da manhã.

No interior porem existe hoje uma fabrica de bolacha.

No Mosteiro Velho de Santa Clara, um celleiro!

No Convento de S. Francisco da Ponte, uma fabrica de lanificios!

Etc., etc.

[1] D. João III fizera doação á Universidade de doze predios, que comprára ou mandára construir em Almedina e na chamada rua Nova de S. Sebastião. Eram destinados a moradia dos estudantes. Um d'elles até tinha divisorias de canniçado. A carta de doação, datada de 18 de julho de 1541, vai fazendo d'este modo a curiosa enumeração dos predios:

« Item, no renque das casas, que faz a dicta rua de S. Sebastião contra as casas do bispo, estão quatro aposentos e uma casinha, todos pegados e misticos uns com os outros, e partem do norte com a rua das Escolas, etc. O longo e interessante documento encontra-se de paginas 115 a 119 do livro do dr. Antonio José Teixeira — *Documentos para a historia dos jesuitas em Portugal.* » A. Campos Junior, *Luis de Camões,* pag. 28, nota.

[2] « . . . multiplicadas as cadeiras das suas faculdades, provida de muitos professores insignes, que chamara com bons salarios e mercês honorificas das universidades de França, Hespanha e Italia, conseguiu D. João III que a Universidade de Coimbra hombreasse com as mais celebres que havia na Europa (c). » *Guia hist.,* pag. 173.

LXVI

Com a batalha de Alcacer-Kibir
Vem correndo a queda de Portugal
E os jesuitas a destruir
Vão este instituto sem egual
E, das Lettras, começou a derruir
O Luzo Lar, que o Marquez de Pombal [1].
Vem com bons elementos reformar
Até ao de D. João supplantar.

[1] Fez uns Estatutos que foram approvados em 1772. Em claustro de 19 de setembro de 1772 noticiou o reitor a vinda do marquez, que chegou aqui no dia 22 ás 5 horas da tarde.

Fôra encarregado por carta regia de 28 de agosto de 1772 de vir a Coimbra reformar a Universidade e para isso trazia amplissimos poderes com jurisdicção *privativa, exclusiva* e *illimitada*. Veja-se a descripção da visita do marquez no *Guia hist.*, pag. 174, onde está bastante desenvolvida.

LXVII

Durante inda mais de trinta annos
Emprega em dois governos [1] um Reitor [2]
Todos os esforços p'ra aos humanos
Mostrar novamente seu esplendor.
Depois de tantos trabalhos insanos
Em que se lhe foi da vida o ardor
Entre invejas e odios venenosos
Mil obras faz, e feitos valerosos [3].

---

[1] Governos universitarios.

[2] « 40. D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, doutor canonista, nomeado a 8 de março de 1770, tomou posse a 29 do mesmo mês. Era reitor da Universidade quando se realizou a reforma pombalina, na qual teve muito larga collaboração, e a cuja execução presidiu. Governou até outubro de 1779, em que tomou conta do bispado de Coimbra, por morte do seu antecessor D. Miguel da Annunciação. »

« 43. D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho (segunda vez), bispo de Coimbra, conde de Arganil, nomeado a 13 de maio de 1779, tomou posse a 16 do mesmo mês. Este segundo periodo da reitoria do venerando bispo comprehendeu os tempos calamitosos da invasão francêsa, em que tiveram de se suspender os trabalhos escolares, e durante os quaes o reitor se achou ausente em França. Foi exonerado a 27 de agosto de 1821. » *Relação dos Reitores da Universidade. Annuario* (1901-1902), pag. 22, secção II.

[3] Obteve enormes concessões de toda a especie para a Universidade de Coimbra. Fundou alguns edificios, dependencias da Universidade, como: Theatro Anatomico, Observatorio Astronomico, Laboratario Chimico, etc. Sobre essas concessões que obteve, veja-se o *Guia hist.* a pag. 176.

LXVIII

A um canto do pateo ergue a torre
Sua fronte de epica magestade
E a *cabra* essa sineta *que corre* [1]
De manhã e á noite p'la cidade
Parece que lá no seu nicho morre
Curvando-se a medo, em triste humildade.
Mas quantos peitos ella não opprime
Quantas *colicas* [2] ella não exprime!

LXIX

Cada uma das suas badaladas
Tão tristes, assim tão sentimentaes,
É a prece d'almas amarguradas
Que alem andam por entre os salgueiraes
Cantando só amorosas balladas,
Como pombas fugidas dos pombaes,
É por si só um mundo de illusões
Que vai de gerações p'ra gerações.

---

[1] Costuma-se dizer: *já correu o sino das aulas.*
[2] Receio natural que se apossa do estudante ao entrar nas aul quando não deseja ser chamado á lição.

LXX

Ao lado da Capella, d'esse Universo
Litterario [1], e da linda Via-Latina,
O Observatorio que bem diverso
É na architectura tão alta e dina [2],
D'esses seus visinhos livro disperso
De varia feição, de diversa sina
Mostra-nos os tempos que vão passando,
Que vai em suas pedras memorando.

---

[1] A Bibliotheca da Universidade foi fundada por D. João V.

« Sendo pois fundação de D. João V, facil é imaginar o luxo e magnificencia da bibliotheca da universidade, objecto de justa admiração para naturaes e extranhos. » Sr. Dr. Mendes de Castro, *Guia Historico,* 2.ª ed., pag. 196.

« *Ce fut Jean V (1706-1750) qui fonda la biblioteque de l'université, la plus belle, la plus richement ornée que j'aie jamais visitée.* » Conde A. Raczynski, *Les Arts en Portugal.*

Foi concedida auctorisação para a sua construcção por provisão regia de 31 de outubro de 1716. Foi lançada a primeira pedra do edificio no dia 17 de julho de 1717.

[2] « O vasto edificio occupado pela Universidade apresenta um inextrincavel conjuncto de construcções de diversas épochas, cuja descriminação em alguns casos difficilmente póde ser assegurada pela especial feição da sua architectura.

« Transpondo a celebrada *porta-férrea,* que tem a data de 1634, a disposição d'essas construcções em redor do extenso páteo offerece uma instructiva impressão, pela diversidade comparativa d'esses typos, representativos de phases de transformação no percurso artistico d'um mesmo povo. » A. Gonçálvez, *Annuario da Universidade* (1901-1902), pag. (6), secção III.

LXXI

Como entrada famosa e principal
Dos Paços só cedidos por dinheiro [1]
Teremos sempre, a tradicional
Porta-Ferrea que de nome o povo inteiro
Conhece, por todo o nosso Portugal;
Porta onde se vê um rei extrangeiro
Encimando as columnas estriadas
Que viram tantas pastas revoltadas! [2]

---

[1] « Mais tarde, consumada a grande catastrophe nacional e celebradas as côrtes de Tomar, que reconheceram Filippe II como soberano de Portugal, a Universidade dirige ao rei intruzo a súpplica para a sua conservação nos paços reais. Mas o sombrio autocrata não se acha disposto á cedéncia gratuita do palacio; a sua magnanimidade vai até á condescendéncia da venda, mediante trinta mil cruzados. E, não obstante, parece que em signal de reconhecimento a esta insigne torpeza, por uma subserviéncia hoje incomprehensivel, ainda ao presente se vê collocada a estátua do dadivoso rei na glorificação das alturas da *porta-férrea!* ». A. Gonçálvez, *Annuario* (1901-1902), pag. (6), secção III.

Mas não termina aqui o *extrangeirismo* d'esta porta:

« Na porta da Universidade, chamada a porta-férrea, — um bello nome para uma detestavel obra d'arte — , as figuras symbolicas das sciencias tem os olhos obliquos como os dos chinêzes. » Teixeira de Carvalho, *Gazeta Illustrada* (Coimbra), n.º 20, pag. 157.

Só o nome é que é bem portuguez — *porta-ferrea!*

[2] Ainda ha bem poucos annos era da *praxe* o dar pastadas nos *caloiros* (novatos) que entravam á *porta-ferrea,* hoje porem está mais serenado esse costume brutal que nada significa perante o modo como

LXXII

Já fóra d'ella avista-se um terreno
Onde outr'ora estivera um monumento
Que, grandioso, de prazer ameno,
Dava livre expansão ao pensamento
Dos estudantes que, de olhar sereno,
Discutiam assumptos do seu tempo.
Era ali que elles se iam educando
Quer a representar quer discursando [1].

---

as Universidades extrangeiras costumam receber os seus noveis estudantes.

« Em vez de recepções, insolitas, selvagens,

Deitemos-lhe flores e palmas e ramagens,
E lindas saudações, e fraternais abraços,
Que sejam para elles uns outros tantos laços,
Na nova e velha terra. E então, quando ao chegarem,
Hão-de só vêr em nós Irmãos para os amarem . . . »

(Do *Programma simples (carta)* — do sr. José d'Arruella — distribuido em Coimbra a 29 de maio de 1902).

[1] « E no curto espaço de seis mezes já se contavam dois theatros de curiosidade, em Coimbra. O primeiro, acanhado e mal geitoso, sem condições architectonicas algumas, onde representavam homens de *officio;* o segundo, mais regular e policiado, onde declamavam alguns academicos que deviam vir a ter mais tarde a gloria de fundadores d'um centro de instrucção e recreio como não houve neste genero outro em Portugal e pode-se dizer que no extrangeiro. Ao primeiro serviam-lhe de tecto as abobadas de Santa Cruz. Ao segundo, o Collegio das Artes, onde hoje está o edificio do Hospital. E tão bem se houveram no primeiro espectaculo que ahi deram no dia 4 de abril de 1836 que alguns jornaes da epocha teceram os mais rasgados elogios a tão altos emprehendedores d'uma civilisação futura. »

« Em 1838 a associação já não cabia no Collegio das Artes. Devido a caprichos e divergencias na Academia, motivadas, segundo diz no seu *Guia Historico,* o sr. dr. Mendes de Castro — por haver "... a direcção d'esta sociedade consentido que uma companhia hespanhola desse espectaculos no seu theatro, muitos dos socios, que o consideravam privativo dos estudantes desgostaram-se com esta especie de profanação; houve

LXXIII

Templo de recreio e de instrucção
D'onde sahiram só bons oradores [1]
Onde nasceu nova associação.
Commungando comtigo em seus ardores [2]
Onde estaes? Dizei-me porque razão
Não crias, já tão bellos trovadores?
Theatro d'outrora tão gloriado
Porque jazes agora abandonado?

---

divergencias e a sociedade entrou em verdadeira crise. Foi isto nos principios do anno de 1838. Nesta conjunctura alguns academicos, em uma reunião effectuada em 21 de janeiro de 1838, deliberaram constituir outra sociedade dramatica e fundar outro theatro de maiores proporções e levaram por deante o seu proposito." É conveniente interromper neste ponto o erudito escriptor para dizer que concorreu muito para isso a grande ideia de chamar ao gremio da associação os naturaes da cidade. Assim os tres elementos diversos, lentes, estudantes e naturaes da cidade (usando dos termos d'um jornal da epocha, a *Revista Academica*) confundiram-se em uma assembleia de irmãos.

Começou com aquelle ardor dos vinte annos, tão cheio de impetos e paixões, a construcção do theatro no grande pateo (claustros) do Collegio de S. Paulo, e dentro d'um anno poude a sociedade organisada agora sob o nome de *Nova Academia Dramatica*, dar alli o primeiro espectaculo no dia 24 de junho de 1838, levando á scena o drama em tres actos — A *Nodoa de Sangue.* » Do livro inédito — *O Theatro Academico* (1834 a 1902) — Mario Monteiro.

[1] « Na lista dos actores continuaram a alistar-se para credito da associação alguns dos mais distinctos estudantes da Universidade; sendo de notar que os menos applicados nas aulas são tambem os mais morosos e menos geitosos para a scena; confirmando isto a grande verdade, que o estudo e applicação vencem as difficuldades de todo o genero.

As pessoas mais sisudas do magisterio academico, imitando as Universidades da Allemanha continuam a proteger um estabelecimento, que offerecendo aos seus alumnos uma diversão licita e util, os afasta do caminho errado de distracções perigosas. » *Revista Academica* de 1845.

[2] Deu-se a separação entre o Instituto e o Theatro Academico em principios de 1852. « Os membros e socios do Instituto da Academia

LXXIV

Temem-te. Bem o sei. Demais valente
Receiam que seu brilho vás empanar
E' por isso que ha quem n'isso intente [1]
Mas que já te não pode alevantar,
Mas continúa a desvendar-lhes sempre
Tuas glorias que as podes, bem, mostrar
E pode bem ser que o governo um dia
Queira tambem mostrar que não... temia.

Dramatica, desejosos de alargar os limites d'esta sociedade, subordinada á mesma Academia, resolveram no principio d'este anno constituil-a independente, tendo por fim geral a cultura das sciencias e lettras, — composta de tres classes, de sciencias moraes e politicas — physico-mathematicas, — e de litteratura, bellas lettras e artes, e com o nome de Instituto de Coimbra. » *O Instituto,* vol I, n.° 1, pag. 1, 1.° de abril de 1852.

[1] Sessão da Camara dos Deputados de 14 de janeiro de 1902, discurso do sr. conselheiro Augusto Fuschini.

Quem ha que tenha sonhado
Paiz formoso encantado,
Que o não encontrasse aqui,
Nesta cidade indolente,
Que os raios do sol nascente
Accorda, mira-se e ri?
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

THOMAZ RIBEIRO.

III

I

Nas margens murmurosas do Mondego,
Nessas ribas matizadas de flôres
Estavas linda Ignez, posta em socego,
Dando livre expansão aos teus Amores [1]
Num timido enleio, como que a medo,
Que dos teus risos só surgissem dores,
Que em prantos as rochas se transformassem
E os raios do sol não mais brilhassem.

---

[1] « Certo é que vivendo el-rei D. Affonso pae d'este rei D. Pedro, sendo o infante casado com D. Constança, foi trazida á côrte... D. Ignez de Castro, sobrinha de D. Thereza de Albuquerque, por andar por dama... e andando assim em casa d'el-rei, sendo ella de bom parecer namorou-se d'ella o infante D. Pedro, e por novos geitos que com ella começou a ter, o entendeu el-rei seu pae, e alem de ser muito cioso, como já ouvirieis contar, desagradaram-lhe taes amores, assim por D. Constança a quem queria grande bem, como por D. João Manuel com quem havia grande amizade, e ordenou logo de a mandar para sua terra ». Fernão Lopes, *Chronica de D. João I,* cap. CLXXXVI.

II

Nesta mansão só cheia de alegrias,
Onde vivias d'um amor constante,
De crueis saudades quando não vias
O rosto de Pedro teu doce amante,
Ainda hoje se ouve, e em todos os dias,
De manhã, á noite, a todo o instante,
Triste pranto dos choupos debruçados [1]
Chorando os Amores ali passados.

---

[1] « Na *Fonte dos Amores,* a um Cédro antiquissimo, dos que houvérão presenciado as enamoradas desditas de Ignez de Castro, arrancado por um furacão de vento no inverno de 1838.

SONETO

Tu, que viste os de Ignez gentis amores
Brincar sorrindo em dias socegados,
Que doridos lhe ouviste os ais, e os brados
N'hora votada aos impios matadores;
Tu, que do tempo ás furias, aos rigores
Sobranceiro exististe, igual aos fados;
Testemunha fiel dos namorados
Quadros d'amor, e desprazer, e horrores:
Cédro, que, inda hontem na apparencia eterno,
Disputavas aos seculos a dura,
Da existencia chegou-te alfim o inverno!
Na terra é tudo assim — e á sepultura
Quem vai primeiro goza um bem superno,
Pena menos que os mais, tem mais ventura.

(Abril 18 de 1838)

No mesmo dia, e pelos mesmos consoantes.

SONETO

Cercada a formosura aqui d'amores
Teve de gloria instantes socegados,
Eis, d'iniqua ambição cedendo aos brados,
Buscão-lhe o peito os ferros matadores.

III

Quantas vezes estiveram ouvindo
Só doces confissões de puro Amor
Que a Historia inda hoje repetindo
Vae nos verdes campos de flôr em flôr!
Altos, esguios como que vão sorrindo
A's pedras escondidas entre o verdôr
Da hera que prende no tosco monte
D'onde brota uma bem sombria fronte.

Contra Ignez estes barbaros rigores
Arredárão de Pedro a sorte, e os fados,
E o divino Camões tem memorados
Scenas, e sitios de prazer, e horrores.
Se á virtude um viver coubera eterno,
Tivera a linda Ignez perpetua dura,
Nunca da vida lhe chegára o inverno.
Mas se em flôr foi cair na sepultura,
Foi gozar mais que a vida um bem superno,
Foi no Elysio habitar, foi ter ventura.

B. J. da S. Carneiro ».

Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica, vol. I
(de fevereiro a agosto) pag. 253-1840.

IV

Fonte onde outr'ora os olhos tão chorosos
Das Nymphas, estas pedras marchetaram
E tijolos de laivos sanguinosos,
Quando a dura tragedia lamentaram
Julgando estes os sitios escabrosos
De que tantos poetas já fallaram [1],
Tendo por adorno um simples ribeiro
Que vae a murmurar ao fim do outeiro.

V

Mais alem, longas horas remansosas
Passaram dois Esposos [2] descuidados,
Quando por essas manhãs radiosas
Passeavam sósinhos, enlaçados,
Debaixo das acacias tão cheirosas
Vendo as avesinhas que nos vallados,
Sorrindo, terna canção chilreavam
E os seus doces beijos espreitavam.

---

[1] Camões e muitos outros poetas teem-se referido a este logar como sendo o theatro da morte de D. Ignez. Parece-me porem que nesta affirmação nada ha de verdadeiro.

[2] A maior parte dos escriptores teem-se referido a Ignez e Pedro não nos dizendo nada acerca do seu casamento. « Este rei D. Pedro, o justiceiro, de Portugal, foi casado com a infanta D. Constança, filha de D. João Manuel, filho do infante D. Fernando... Casou outra vez o rei D. Pedro com a infanta D. Ignez, filha de D. Pedro de Castro. » *Livro de Linhagens*, tit. XX — *Portugaliae Monumenta Historica.*

« D. Gil Cabral foi deão e depois bispo da Guarda. Sendo deão e physico do infante D. Pedro, foi elle que o casou por palavras de pre-

VI

Que encanto os conduzia a tal logar
Onde só se ouvia, muito alem, da fonte
Suavissimo e brando murmurar
Que vinha repercutir-se p'lo monte
Qual timido e constante soluçar!
Quando a lua assomava no horisonte
Ficavam pensativos alheiados
Em ternos pensamentos namorados!

---

sente em Bragança, com D. Ignez de Castro em janeiro de 1354. » Carta de Brito Rebello. *Gonçalo Velho,* por Ayres de Sá, 2.° vol., pag. 479.

« O mui nobre D. João Affonso, conde de Barcellos, mordomo-mór do dito senhor rey, publicamente disse que o dito senhor rei D. Pedro sendo então infante, passa de uns sete annos, estando na villa de Bragança, e vivendo então el-rei D. Affonso, seu padre, recebeu por sua mulher legitima, por palavras de presente, assim como manda a santa egreja, D. Ignez de Castro, filha que foi de D. Pedro Fernandes de Castro, e essa D. Ignez recebeu por seu marido legitimo o dito senhor, sendo assim infanta, por essas semelhantes palavras de presente, como manda a santa egreja. E disse o dito senhor conde que os ditos recebimentos e casamento não foram geralmente exemplados nem claramente sabidos communmente por todos os do senhorio de Portugal, em vida do dito senhor rei D. Affonso, por receio e temor que o dito seu filho d'elle havia, casando assim sem seu mandado e consentimento. » Declaração feita em Coimbra, perante um tabellião e testemunhas. *Gonçalo Velho,* por Ayres de Sá, vol. I, pag. 76.

VII

Nessas calidas noites de verão
Em que p'rece sorrir a natureza,
Lá ficavam entoando a canção
Dos seus puros amores a que a fereza
D'um Rei cruel poz termo e sem razão [1]
Usando do ferro que com bruteza
Degola [2] Ignez, de sangue seu manchando
Dois Ministros [3] que a 'stão executando.

---

[1] Sobre as razões que levaram D. Affonso a auctorisar esta morte nada se sabe. Vejamos a opinião de dois abalisados escriptores:

Alexandre Herculano diz:

« ... seus companheiros no patriotico crime da morte de D. Ignez. » *Arrhas por foro de Hespanha,* pag. 61.

Oliveira Martins:

« Avistaram-se sobre o Caya com o conde Alvaro Pires de Castro, irmão da amante do infante de Portugal, Ignez de Castro, que a esta intriga devera a morte. » *Vida de Nun'Alvares,* pag. 22.

Nenhum d'elles fundamentou as suas asserções.

« A obscuridade em que foi deixado tão dramatico episodio e uma epoca tão notavel a que pertence a batalha do Salado, a tentativa de reunião da corôa de Castella á de Portugal e a accentuação do principio de justiça na extraordinaria figura de D. Pedro é um novo testemunho de que a Historia de Portugal está inteiramente por fazer. » *Ignez de Castro.* Faustino da Fonseca, tom. 19, pag. 14, nota.

D. Pedro nunca soube as razões:

« ... querendo que lhe confessassem quaes foram na morte de D. Ignez culpados, e que era que seu padre tratava contra elle, quando andaram desavindos por azo na morte d'ella. E nenhum d'elles respondeu a taes perguntas cousa que a el-rei prouvesse. » Fernão Lopes, *Chron. do Senhor Rei D. Pedro,* cap. XXXI.

O que porem é verdade é que D. Affonso IV a mandou matar. Senão vejamos:

1.º

« Na era de mil trezentos e noventa e tres (anno de 1355) setimo dia de janeiro, o rei D. Affonso matou D. Ignez em Coimbra. » *Breve*

Chronica Alcobacense, no *Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores,* vol. I, pag. 22.

2.º

« ... D. Ignez de Castro que matou D. Affonso seu pae ... » *Livro das Linhagens, Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores,* vol. I, pag. 310.

3.º

Onde se manifesta a responsabilidade do Rei:

« ... da morte de D. Ignez, a razão porque a elrei Dom Affonso matou ... » Fernão Lopes, *Chron. do Senhor Rei D. Pedro,* cap. XXVII.

4.º

« ... na morte de Dona Ignez, que el-rei Dom Affonso ... mandou matar em Coimbra ... » *Idem,* cap. XXX.

E muitos outros documentos nos attestam a responsabilidade de D. Affonso.

[2] O Livro de Nòa, de Santa Cruz de Coimbra, publicado a pag. 382, 1.º vol., das *Provas da Historia Genealogica da Casa Real* por Caetano de Sousa, diz:

« Na era de mil trezentos e tres setimo dia de Janeiro, foi degolada D. Ignez por mandado do senhor rei Affonso IV. »

« . . . . »
Todos tres hablando estane
Si era bien hecho ou mal hecho
Esta dama degolare:
. . . .
Tiendenla en un repostero
Para habelle degollare;
Assi murió esta senhora,
Sin merecer ningum male. »

Romance hespanhol anonymo inserto a pag. 220 do vol. do romanceiro geral da *Bibliotheca de autores españoles,* sob o numero 1243 intitulado « *Romance de Dona Izabel...* » mas que se identifica com o assumpto de Ignez de Castro.

[3] « Nas *Trovas que Garcia de Resende fez á morte de Ignez de Castro que el-rei D. Affonso IV de Portugal* matou em Coimbra ... » *Cancioneiro geral,* vol. 3.º, pag. 616, ed. de 1852, diz:

« Dous cavalleiros irosos »

« E falando a verdade, Alvaro Gonçalves e Pero Coelho eram n'isto assaz de culpados, mas Diogo Lopes, não, porque muitas vezes mandára perceber o infante por Gonçalo Vasques, seu privado, que guardasse aquella mulher da sanha d'el-rei seu padre. » Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro,* cap. XXX.

VIII

Os gritos nem os rogos lacrimosos
O demovem já de tão negro intento,
E aos feros verdugos rigorosos
Manda executar prestes o tormento,
Junto á fonte [1] nos campos arenosos
Do Mondego que a ouve num lamento
Lembrando aquellas cartas perfumadas
Ternas confissões só por si trocadas.

---

[1] Esta fonte, antigo *cano dos amores,* ainda hoje existe 200 metros distante do mosteiro velho em cujos jardins estivera outr'ora situada.

« Esta fonte que se chamou dos Amores por essa razão já dita, estava nos jardins do palacio ... O principe não podia falar a D. Ignez todas as vezes que o desejavam ambos ... Valia-se para isso d'aquella agua e d'aquelles aqueductos, porque por elles e por ella enviava os papeis que lhe escrevia. Rompeu parece, em certa parte o aqueducto e mettendo por ali os papeis, levados pela agua, iam sahir ao jardim onde Ignez acudia a recebel-os. De maneira que o amor vinha nadando, vinham as chammas amorosas passadas por agua ». Faria e Sousa, *Rimas de Camões,* P. 2.ª, p. 37.

« ... servia-se para este fim, segundo dizem, de uma barquinha de cortiça presa por um cordel, com que a puxava para lhe trazer as respostas. Deste modo servião as aguas de correio ao Amor. »

Mas a pouca inclinação, que tem este cano, dá bem a conhecer ser isto uma fabula, como observa Fr. Manoel da Esper., *Hist. Seraf.,* l. 6, c. 10.

Seja tudo isto uma lenda, o que eu creio, e o que é bem verdade é que não sei se a designação de Fonte dos Amores se applica á Fonte que hoje assim se chama (antiga *Fonte nova* na Quinta *do Pombal,* hoje das *Lagrimas)* ou ao *cano dos amores* existente *junto do convento,* o que eu julgo mais provavel. Primeiro — porque, acreditando na lenda, se D. Ignez vivia no Convento, como hemos de ver nas notas que se seguem, e D. Pedro não lhe podia falar, havia este de servir-se do principio do cano para expedir as suas cartas para o Convento onde Ignez as tomava; era ahi a fonte, e então todas as Chronicas antigas se

IX

Do *Colo de garça* [1], de pura neve
Os ferros sahiam ainda quentes,
E o Rei-Algoz nem sequer se atreve
A perdoar a esses innocentes [2]
(Já que á mão diz que perdoar não deve)
Que aos Ceus soltam gritos estridentes
Vendo a Morte para ella a caminhar
Dando-lhe então a gloria de reinar.

---

referem não á de agora mas a essa velha fonte dos amores, que o capricho dos humanos e a phantasia poetica transportaram para debaixo d'uns cedros e num sitio onde os raios do Sol difficilmente conseguem penetrar. Em segundo logar — sendo a fonte dos amores no interior do Convento (jardim) D. Pedro não podendo estar junto d'Ignez devia servir-se do principio, como já disse, d'este cano, que ficaria de certo fóra do Convento na antiga Quinta *do Pombal,* pois que á beira da estrada (da Varzea) existiam os *Paços da Rainha* e mais algumas dependencias do convento, como já tive occasião de dizer na nota (2) da pag. 73, que eram uma linha divisoria, e então a lenda é mal interpretada, sendo o verdadeiro theatro da morte junto d'esta fonte embora os seus amores se passassem tambem junto da outra nalguns dias em que Ignez sahisse do Convento.

[1] « Collo de Garça intitulava a D. Ignez sua belleza, ou porque sobresae entre os das mais aves, ou porque da formosura da garganta recebiam sustento as perfeições do rosto. » *Monarchia lusitana,* parte VII, f. 436.

« Sua rara formosura merecera-lhe o renome de "collo de garça" ». *Europa Portugueza,* Manuel de Faria e Souza, tomo II, parte II, cap. III, § 45.

[2] « A versão de que Affonso IV commovido pela presença dos netos, queria perdoar (?), o que foi impedido pelos conselheiros, é posterior, e certamente inventada, para colorir o episodio, por Ruy de Pina e Garcia de Resende, levados pelo seu palacianismo a desculparem o rei, fazendo pesar o odioso nos ministros. » *Ignez de Castro,* Faustino da Fonseca, tom. 19, pag. 17, nota.

X

Té o convento se ergue solitario,
Qual muda testemunha d'esta dôr,
Como um velho castello imaginario
Onde guardava sempre o triste amor [1]
Ignez vivendo d'um amor tão vario,
Cada dia augmentando no ardor,
Em passeios á beira dos vallados,
Em futeis e continuos recados [2].

---

[1] « . . . o principe D. Pedro mudou sua casa para Coimbra, levando comsigo a sua consorte D. Ignez de Castro . . . ». « Pela amenidade e pelo retiro se aposentou nos paços da Rainha Santa, crendo que nos longes da vista amortalhava as murmurações da suspeita ». Fr. Raphael de Jesus, *Monarchia Lusitana,* v. 7, pag. 513.

Casados, como eram, clandestinamente, para não levantar suspeitas haviam de ter occasiões de viverem completamente affastados e era então que D. Pedro se servia do *cano dos amores.*

[2] « E se verdadeiro amor houve . . . D. Pedro e D. Ignez, como se d'ella namorou sendo casado e ainda infante, de maneira que embora d'ella no começo perdesse vista e fala, sendo alongado, como ouvistes, que é a principal razão de se perder o amor, nunca cessava de lhe enviar recados . . . ». Fernão Lopes, *Chronica de el-rei D. Pedro,* cap. XLIV.

XI

Nos saudosos campos do Mondego,
Das tristes Nymphas o seu pranto ardente,
Inda hoje passa aonde um amor cego
Livre gosou e onde eternamente
Dos Amores, nos dirá, em segredo,
O cano onde a agua corre tristemente,
A vingança que Dom Pedro tirou
Dos Ministros e seu Pae [1] que a matou.

---

[1] « ... e que porquanto se elle sentia mais chegado á morte que á vida, que lhes cumpria de se porem a salvo fóra do reino, porque elle não estava já em tempo de os poder defender d'elle, se lhe algum nojo quizesse fazer. E elles partiram logo de Lisboa, e foram para Castella ... ». Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro,* cap. XXX.

« ... buscou e procurou logo todas as cousas com que podesse desservir a el-rei seu padre, e destruir seu reino, e dar mortal castigo aos matadores d'ella, se podesse, porque com a gente que tinha sua no reino, e com a muita, e mais que houve de seus cunhados D. Fernando e D. Alvaro Pires, e assim de seus parentes, e valias, entraram todos em Portugal, e pelas comarcas de entre o Douro e o Minho e Traz-os-Montes e nos logares que eram de el-rei faziam todos os roubos, mortes, males e damnos que podiam ... ». Ruy de Pina, *Chron. d'el-rei D. Affonso IV,* cap. LXV.

« ... tanta guerra lhe fazia elle andando pelo reino em tal destruição, que assim mandava el-rei velar as villas e castellos por azo d'elle como se dentro do reino andassem seus inimigos. E não cuideis que isto somente fazia nas villas e logares pequenos, mas a Alcaçova e castello de Lisboa se velou e guardou bem tres mezes, e assim lhe pagou soldo aos vassallos el-rei aos que em elle estavam, como se fôsse na maior guerra de seus inimigos ». « Quem ora perguntasse a Diogo Lopes que aqui está, que milagres andou elle fazendo pelo reino, e quanta destruição nos bens de Ayres Gomes da Silva, e de Diogo Gomes d'Abreu, e de outros muitos, que el-rei depois pagou ». « Não houve receio de ajuntar a si quantos malfeitores e degredados havia pelo reino, e fazer guerra com elles a seu padre, cercando-lhe as villas e castellos, e roubando e pondo fogo pela terra, como se fôsse de inimigos ». Fernão Lopes, *Chron. de el-rei D. João,* parte I, cap. CLXXXVI.

XII

Vingando essa Portugueza [1] tão formosa
Que depois de ser morta foi c'roada
Deixava a caça [2] e a vida ociosa
Por uma peleja em que a sua espada
Brilhasse, nessa mão tão dadivosa [3],
Contra seu pae e contra a gente irada
Que em Castella os verdugos abrigára
E sómente com honras os tratára [4].

---

[1] Diz-se tambem que o pae de Ignez de Castro fugira para Portug aos 20 annos, tendo amores ou casando em Freixieiro, terra de Bas com D. Aldonsa Berenguella de Valladares. Assim Ignez teria nasci em Portugal e de mãe portugueza. D. Pedro Fernandes de Cast regressou a Castella dezoito annos depois. A opinião mais seguida é q ella era hespanhola: Idem. Perguntado se sabia que o dito D. Pedro houvesse divido algum de parentesco com a dita D. Ignez Castro, disse que elle sabia bem que el-rei D. Pedro era filho da rain D. Beatriz e D. Pedro de Castro era filho de D. Violante. E que a d D. Violante e a dita rainha D. Beatriz eram irmãos, filhos de el- D. Sancho de Castella. E que do dito D. Pedro de Castro fôra filh dita D. Ignez, como dito é, por a qual razão elle sabia bem que a d D. Ignez fôra sobrinha do dito rei D. Pedro, filha do seu primo coirmão Depoimento de Diogo Lopes Pacheco em 1385, no « Memory existente na Torre do Tombo, gaveta 13, m. 3, numero 8, publicado « Frei Gonçalo Velho » de Ayres de Sá.

[2] « Este rei D. Pedro . . . foi sempre grande caçador e monteiro, sendo infante e depois que foi rei, trazendo grande casa de caçador moços de monte e de aves e cães, de todas as maneiras que para jogos eram pertencentes ». Fernão Lopes, *Chron. de D. Pedro*, ca

[3] « . . . dizendo que o dia em que o rei não dava, não devia ser ha por rei ». Fernão Lopes, *Chron. de D. Pedro*, cap. I.

[4] « . . . e el-rei de Castella os recebeu de bom geito, e haviam d bem fazer, e mercê, vivendo em seu reino seguros e sem recei Fernão Lopes, *Chron. de D. Pedro*, cap. XXX.

XIII

O sol acha agora já dura empreza
Dourar dos seus raios com o fulgôr
Os tristes logares onde a Crueza
Se manifestára com mais ardôr
Usando do ferro p'ra quem tem preza
Só pelo crime de sentir Amor
Pelo Rei que nunca houvera de nascer
Ou que nunca deveria de morrer [1].

XIV

De saudades se fina o triste amante,
Julgando que com ella parte a vida,
E a Castella de irado semblante
Se parte a conquistar c'rôa perdida
Pela morte d'Ignez [2] a quem constante
Amor dedica e uma dôr sentida
Por Poetas que já tanto a cantaram
E com a espada a Patria ornaram.

---

[1] Os Portuguezes d'aquelle tempo diziam: *D. Pedro ou nunca houvera de nascer, ou nunca deveria de morrer.*

[2] Gorou então a conspiração que havia de dar a Pedro a corôa de Castella. A morte de D. João Affonso de Albuquerque, do irmão de D. Ignez e a morte d'esta foram os golpes mortaes d'essa conspiração.

XV

Vindo a Portugal manda lavrar
Dois soberbos tumulos [1], um primor
De esculptura, para perpetuar
Que a Ignez votava o seu puro amor.
A baça luz que os vae illuminar
Parece soluçar enorme dôr
N'aquella tonalidade tão sombria
Que tem a Sé Velha ao raiar do dia [2].

---

[1] Os tumulos de D. Pedro e D. Ignez estão em Alcobaça.

Os tumulos de Ignez e de Pedro I são joias incomparaveis. As grandes arcas em que repousam as cinzas dos dois amantes são inteiramente cobertas de baixos relevos, esquadrados na mais fina filigrana de marmore. A luz baça das estreitas janellas ogivaes, a côr denegrida e esverdeada da abobada e do pavimento, dão aos dois monumentos a tonalidade triste e saudosa que melhor lhe cabe. E' impossivel ter contemplado uma vez estes marmores e esquecel-os jamais. As duas figuras em vulto, que os cobrem, com os pés d'uma para os da outra, são rudimentares como retratos, mas da mais tocante belleza como attitude. A linda Ignez traja um vestido franzido, de manga curta, cuja longa fimbria lhe envolve castamente os pés juntos, deixando perceber atravez do estofo os bicos agudos dos sapatos. Tem uma luva calçada na mão esquerda, em que segura a luva da outra mão, e entre os dedos da mão direita suspende a extremidade do seu grande collar. O vestido é apertado com alamares, e a cabeça repousa n'uma almofada segura por dois anjos, que a contemplam ajoelhados, de azas abertas. D. Pedro, armado de cavalleiro, de esporas calçadas, segura a espada nas mãos ambas, tendo uma na bainha e a outra nos copos, como se fosse arrancar o ferro. Aos pés um bello cão de lobo, de cabeça alta, escuta. Os relevos que cobrem inteiramente os quatro lados de cada sarcophago, representam o supplicio de varios martyres, algumas scenas biblicas, toda a paixão de Christo, o inferno, o purgatorio e o paraizo. O tumulo de Ignez, em cujo friso as armas reaes de Portugal se alternam com as dos Castros, é seguro por seis sphinges, e o de D. Pedro por seis leões. » Ramalho Ortigão, *Farpas*, vol. I, pag. 227.

[2] Sobre a fundação da Sé Velha de Coimbra, correm diversas opiniões: « D. Fernando de Castella a erigio em Cathedral, dedicando-a a S. Maria;

XVI

Fundada não se sabe ainda quando,
Esta Sé velha e nobre cathedral,
Se pelos godos ou mouros que andando
Em grandes correrias em Portugal
Haviam decerto ir por ahi deixando
Monumentos como este sem egual,
Mostra comtudo o mesmo teôr
Da velha egreja de S. Salvador [1].

---

e estas honras conservou até o Reinado de El Rei D. José I, em que, sendo extincta a Ordem da Companhia, se transferio para a sua Egreja a Cathedral de Coimbra pela Provisão de 11 de Outubro de 1772. Hoje é Paroquia de S. Christovão. » *Bellezas de Coimbra.* A. M. B. Corte-Real, pag. 127, nota (a).

Ha outras que lhe dão a mesma origem, a mais verdadeira porem é a que segue o Sr. Dr. Mendes de Castro, e os nossos escriptores mais abalisados: « Algumas memorias manuscriptas davam esta sé como edificada pelo bispo D. Gonçalo (1109-1128); diversos escriptores a attribuiam ao conde D. Henrique. A verdade é que a Sé Velha foi erigida pelos cuidados do bispo D. Miguel, reinando el-rei D. Affonso Henriques. E' facto este de que não se póde duvidar depois que se tornou conhecido um documento, que assim nol-o attesta, exarado no *Livro Preto* (*a*). » *Guia Hist.,* parte 2.ª, pag. 143.

1 « Contemporanea da Sé Velha e a ella ligada pelas mais intimas analogias de desenho e estylo, a igreja de S. Salvador, não obstante os desacatos e deformações que sobre ella tem caido, é ainda hoje um exemplar valioso da opulencia architectonica da Coimbra medieval. » *Gazeta Illustrada* (Coimbra) N.º 15. A. Gonçalves.

XVII

Velha cathedral como um luctador
Que vivesse ali bem triste e sombrio [1]
Encerra em si um poema de Dôr
Quando em longas noites de inverno e frio
A vem beijar um ligeiro frescôr
Das brandas auras que veem lá do rio
Só saudosas recordações trazendo
Dos mortos que inda estão ali vivendo.

---

[1] « O interior do templo não desdiz da apparencia nobre e veneranda da sua parte externa, com quanto grandes alterações, effectuadas em varias epochas, lhe tenham prejudicado a feição primitiva. A sua architectura simples mas magestosa, o seu aspecto de ancianidade, uma claridade moderada, tão propicia aos actos e sentimentos piedosos, tudo nos enche a alma, como disse Garrett, de um certo não-sei-que entre goso, respeito, devoção, melancolia e suavidade, que podemos alli estar horas esquecidas sem nos lembrar nem importar mais nada. » Pag. 151.

« Duas faces estão patentes d'este antigo templo. Ambas de cantaria, coroadas de ameias e tisnadas dos seculos, apresentam uma apparencia singular, que causa sempre no visitante que as contempla uma impressão grave e profunda. » *Guia Hist.*, 2.ª ed., pag. 147.

XVIII

De tempos bem remotos uma dama —
Que fôra, Infanta grega, mui formosa,
— Trouxe até nós a sua grande fama,
Como Santa Izabel, de religiosa,
Aia a quem Affonso Vetaça chama [1].
Nessa Só em sepultura primorosa
Cheia de honras, repousa descançada
De aguias, rafeiros e d'anjos rodeada [2].

---

[1] « D. Bataça era filha de Irene, filha do Imperador da Grecia, e de Guilhelmo, Conde de Veiente-milha; a qual se passou a Aragão em tempo de El Rei D. Pedro, pai de Isabel, e d'alli veio a Portugal como Dama desta Rainha. Casou neste Reino com um Fidalgo da Côrte chamado D. Martim Annes em 1285. Deixou sua fazenda á Sé de Coimbra, onde se mandou enterrar. Em escripturas antigas lhe chamão a *filha da Infanta da Grecia*. — *Mon. lus.*, l. 16, c. 35. Resende *de Antiquit. Lus.*, l. 4, diz, que D. Bataça preparára uma famosa armada á sua custa, com que fôra tomar aos Mouros uma Villa em dia de Sant-Iago, deixando morto no campo o seu Rei Casse; e que d'aqui se ficara chamando aquella terra *Sant-Iago de Cassem*. Porem Brito diz que não é assim; porque já neste tempo estava este Reino livre de Mouros. Acompanhou a Castella, como Aia, a D. Constança, filha de El Rei D. Diniz, esposa de D. Fernando. — *Mon. lus.*, l. 17, c. 40. D. Fernando deu-lhe a Villa de Pedrassa. Foi com embaixada a D. Jayme, Rei de Aragão, com o Conde de Barcellos. L. 18, c. 28. » Corte-Real, *Bellezas de Coimbra*, pag. 132, nota (a).

[2] « O tumulo em que jazem os restos desta nobre senhora tem na parte superior uma estatua de grosseiro lavor, que a representa com habitos religiosos » (Talvez por ter sido irmã da Ordem de S. Francisco diz o erudito escriptor) « a cabeça sobre uma almofada sustentada por dois anjos e aos pés dois rafeiros. Na face anterior do moimento, unica patente, veem-se entre varios ornatos tres aguias em relevo, cada uma com duas cabeças. A aguia assim representada symbolisa a divisão do Imperio em oriental e occidental, e era a insignia dos imperadores. Descendendo D. Vetaça da casa imperial da Grecia, bem cabido é no seu tumulo este brazão ou emblema. Segundo Coelho Gasco, havia no tumulo esta legenda: AQUI JAZ DONA BATAÇA, NETA DO IMPERADOR DA GRECIA (a). » *Guia Hist.*, 2.ª ed., pag. 156.

XIX

Pelo vasto templo veem-se espalhados
Só tumulos cobertos de inscripções
De ricos lavores, quasi apagados
Dos templos p'las crueis devastações.
D. Egas [1], Joanne [2], são memorados,
Tiburcio [3], que soffrera privações
Por causa de D. Sancho que não qu'ria
Vêr no seu throno, seu irmão, um dia.

---

[1] « No topo do cruzeiro do lado do evangelho, debaixo de um arc aberto na parede, está um antigo monumento, em cuja parte superior se vê estendido o vulto de um prelado com mitra na cabeça e as mãos cruzadas sobre o peito. E' o tumulo de um illustre bispo de Coimbra D. Egas Fafes, descendente por linha masculina do famoso alferes d conde D. Henrique, D. Fafes Luy. » *Guia Hist.*, 2.ª ed., pag. 154.

[2] « Juncto dos degraus da capella mór vê-se uma lapide sepulchra que se torna notavel por haver sido picado o brasão que tem insculpid — escudo oval orlado pelo letreiro Bispo Conde e atravessado por cinc faixas ondeadas de agua e tendo na do meio um delfim nadante. Era brazão do bispo D. Jayme Mendes de Tavora, que ali jaz, antepassad da familia Tavora, que ficou implicada na tentativa de assassinato contr el-rei D. José em a noute de 3 de setembro de 1758. O brasão, po pertencer a pessoa d'este appellido, foi picado em virtude de uma da disposições da terrivel sentença condemnatoria dos réus d'aquelle atten tado, proferida pela suprema juncta da Inconfidencia em 12 de janeir de 1759. » *Guia Hist.*, 2.ª ed., pag. 160.

[3] « Outro objecto recommendavel que existe no cruzeiro é o tumul do bispo D. Tiburcio, situado do lado da epistola, sob um arco aberto n parede. N'elle se vê em relevo, mas já bastante desgastada pelo roça de seis seculos, a figura do bispo, paramentado de pontifical, e com a mãos sobre o peito. O prelado, cujas cinzas encerra este monumento, de grande celebridade na historia pelo muito que figurou na contend da desthronisação de D. Sancho II. Foi D. Tiburcio quem apresentou a papa Innocencio IV, por occasião do concilio celebrado em Leão no ann de 1245, as representações, informações e documentos, tendentes alcançar-se que o papa privasse aquelle monarcha do governo do rein

XX

Esse livro de feitos gloriosos
(Que só assim se poderá chamar)
Recorda-nos — os festejos sumptuosos
De D. Sancho quando se foi c'roar — [1]
Juramentos solemnes, grandiosos
Que serviram a Pedro p'ra attestar,
Com a linda Ignez a sua união,
Perante os Prelados e a Nação [2].

---

e lhe substituisse seu irmão o conde de Bolonha. Este proceder de D. Tiburcio acarretou-lhe os odios de D. Sancho e de seus partidarios, pelo que o prelado desleal teve de soffrer não pequenos trabalhos e privações (b). » *Guia Hist.*, 2.ª ed., pag. 161.

[1] « N'este sumptuoso templo foram coroados pelo bispo D. Martinho com solemne pompa e apparato, no dia 9 de dezembro de 1185, el-rei D. Sancho I e a rainha sua mulher. » *Guia Hist.*, 2.ª ed., pag. 162. Vid. *Mon. lusit.*, p. 4, cap. I.

[2] « Alli, no anno de 1361, se leu, por ordem de el-rei D. Pedro I, o instrumento da declaração jurada, que fizera em Cantanhede em presença de varios prelados e grandes do reino, de que a formosa D. Ignez de Castro fôra sua legitima e verdadeira esposa. » *Guia Hist.*, 2.ª ed., pag. 163. Vid. *Chron. dos Coneg. Regr.*, p. 2.ª, liv. 9.º, cap. 22, pag. 242.

XXI

Serve-nos de amarga recordação
— Recebido ahi o Mestre d'Aviz [1],
Depois d'essa festa da Conceição [2],
Que se fez no tempo de D. Diniz
— Ao lembrar que ahi D. Sebastião
Fervente oração a Deus fazer quiz [3]
Antes de ir para a guerra derradeira
Como Dom Pedro ao ir pr'a Alfarrobeira [4].

---

[1] O Mestre de Aviz veio para Coimbra em 3 de março de 138 Esperavam-n'o nesta cidade os bispos do Reino, os Grandes da Côrte os Deputados de quasi todas as villas e cidades, que tinham vindo aq para se juntarem os Estados Geraes.

D. João entrou na cidade precedido d'um cortejo de rapazes que cavallo em cannas e com um pendão á frente iam clamando em alt gritaria:

Portugal, Portugal por El-Rei D. João! em boa hora venha o noss Rei. Foi levado á Sé onde o aguardava o bispo de Lamego. D. Lourenç e o Deão e Cabido com a Cruz alçada; mettido debaixo do Pallio f levado á Capella-mór.

« Cantou-se o *Té Deum,* acabado o qual, tendo o Mestre feito a su oração, voltou da mesma fórma até á porta da Igreja; e d'alli acompa nhado de toda a nobreza, veio para os Paços da Cidade, chamados entã de Alcaçova, que erão os mesmos, em que está hoje a Universidade, o quaes se havião preparado para a sua assistencia ». Corte Real, *Bel de Coimbra,* pag. 135, nota (a).

Convocaram-se então as Côrtes em S. Francisco e João das Regr com sua eloquencia persuasiva conseguiu sophismar e desfazer todas provas que havia do casamento de D. Pedro com D. Ignez de Castr demonstrando que o Reino não tinha successor legitimo, que ao pov competia nomeal-o e que ninguem era mais merecedor do que o Mestr de Aviz. « O Acto da Acclamação fez-se em uma sala do Palacio Rea em que El Rei residia, em 6 de Abril de 1385 ». Corte Real, *Bell.*

Coimbra, pag. 136 — nota. Vid. José Soares da Silva, *Mem. de El Rei D. João I*, l. I, cap. 43.

2 Alli se celebrou pela primeira vez em Portugal, em tempo de el-rei D. Diniz e por industria do bispo D. Raymundo, a festa da Conceição Immaculada de Nossa Senhora, que depois se extendeu ás outras cathedraes do reino ». *Guia Hist.*, 2.ª ed., pag. 163. Vid. *Mon. Lusit.*, P. 6.ª, liv. 19.º, cap. 22.

3 « Alli, no dia 13 de outubro de 1570, depois de ter ouvido á porta da ponte a brilhante allocução que em nome da cidade lhe dirigiu Jorge de Sá Soutto Maior, foi fazer sua oração ao Omnipotente, o valoroso e infeliz D. Sebastião, indo depois hospedar-se no paço episcopal ». *Guia Hist.*, 2.ª ed., pag. 163. Vid. Bayão, *Portugal Cuidadoso*, pag. 170.

4 « Alli, no dia 6 de maio de 1449, foi encommendar-se, em suas angustias, á Consoladora dos afflictos, o infeliz duque de Coimbra, D. Pedro, que fôra as *delicias da patria*, e que poucos dias depois, victima de mal fundados odios e mesquinhas intrigas, pereceu nos infames plainos de Alfarrobeira ». *Guia Hist.*, 2.ª ed., pag. 163. Vid. Ruy de Pina, *Chron. de D. Affonso V (Inéditos de Hist. Portugueza)*, cap. 117.

XXII

É ahi que um dia Affonso primeiro,
Ao vêr-se pelo Papa excommungado,
Se reveste do seu valor guerreiro
E manda reunir fero e irado
Na Sé clerigos a quem altaneiro
Propõe que um bispo seja nomeado
Em vez d'aquelle que o excommungára
E sobre a cidade o temor lançára.

XXIII

Os clerigos allegam inda ter
Um bispo mui virtuoso e leal,
Que a elle tinham só de obedecer
Pois que assim tão exemplar e sem egual
Não recebe o rei, tendo-lhe a agradecer
O ser bispo [1], e logo de Portugal
Se parte para Roma a apresentar
A queixa que o havia de excommungar.

[1] D. Bernardo (1128-1146) devia o ser bispo d'esta Sé, a Affo Henriques, a quem mais tarde excommungou.

XXIV

ꝛei irado manda retirar
velha Sé os clerigos teimosos [1],
nui triste começa a meditar
nodo de ver raiar dias ditosos,
ındo vê apressado a caminhar
clerigo negro que seus irosos
jectos approvara e sua teima.
elle o negro clerigo [2] — Çolleima [3].

---

tre os que alli se achavam, um negro, vestido de habitos cleri-
ı estado encostado a um dos pilares, observando aquella scena;
bellos revoltos contrastavam pela alvura com a pretidão da tez.
o principe falava, elle sorria-se e meneava a cabeça como
rovava o dicto. Os conegos começavam a retirar-se, e o negro
es. Affonso Henriques fez-lhe um signal com a mão. O negro
'a trás. « Como has nome? » — perguntou-lhe o principe.
hei nome Çolleima ».
ɔm clerigo? ».
ɔmpanhia não ha dois que sejam melhores ».
serás, D. Çolleima. Vae tomar teus guisamentos; que hoje
ás missa ». O clerigo recuou: naquella face tisnada viu-se
acção de susto.
não vos cantarei eu, senhor: » — respondeu o negro com
la; — « que para tal auto não tenho as ordens requeridas ».
ima, repara bem no que te digo! Sou eu que te mando vás
estiduras de missa. Escolhe: ou hoje tu subirás os degraus do
da Sé de Coimbra, ou a cabeça te descerá de cima dos hombros
ːlas lageas d'este pavimento ». « O clerigo curvou a fronte ».
Herculano, *Lendas e Narrativas,* tom. II, pag. 60, 61.
notar porém, que na nota (2) da mesma pagina Alex. Herc. diz
'go naquella epocha não significava só o ecclesiastico revestido
cio, mas sim qualquer individuo empregado no serviço do culto.
ːquente menção, nos documentos, de *clerigos casados* ».
inda Alex. Herc. a respeito do nome de Çolleima: « É notavel
ia a seguinte. Em 1088 *um presbytero, por nome Zolleima,* fez
io *á Sé de Coimbra.* D'esta doação se lembra Fr. Antonio
ɪ. L., P. 3.ª, L. 8.º, cap. 5.º, pag. 13, col. 2.ª, *in fine* ».

XXV

Chama-o e o seu nome perguntando
Logo ordena que missa vá cantar
Fazendo-o bispo pelos ceus jurando
Vingança do outro bispo assim tirar [1].
Em continuos desgostos vae passando
Os dias que lhe restam de batalhar
No tempo em que a Só tinha a triste alvura
Que produz o luar em noite escura [2].

---

[1] Coimbra foi excommungada por um cardeal que veiu de Roma, mas D. Affonso partiu após elle e conseguiu pelo medo que seu aspecto feroz lhe causou, que elle levantasse a excommunhão que lançára sobre a cidade, o que fez, conseguindo ainda a carta de benção que o papa mandou passados quatro mezes. Se D. Affonso se vingou ou não do Bispo que déra causa a tudo isto não o sabemos.

Todavia diz Alexandre Herculano, n'uma nota final (pag. 71), que esta lenda tirada das chronicas de Acenheiro « rol de mentiras e disparates publicado pela nossa Academia », não tem razão de ser pois « Toda a narrativa da prisão de D. Thereza, das tentativas opposicionistas do bispo de Coimbra, da eleição do bispo negro, da vinda do cardeal, e da sua fuga contrastam a historia d'aquella epocha. »

[2] « Houve um tempo em que a Sé de Coimbra era formosa; houve um tempo em que essas pedras, ora tisnadas pelos annos, eram ainda pallidas, como as margens areentas do Mondego. Então o luar, batendo nos lanços dos seus muros, dava um reflexo de luz suavissima, mais rica de saudade que os proprios raios d'aquelle planeta guardador dos segredos de tantas almas, que creem existir nelle, e só nelle, uma intelligencia que as perceba. Então aquellas ameias e torres não haviam sido tocadas das mãos de homens, desde que os seus edificadores as tinham collocado sobre as alturas; e todavia já então ninguem sabia se esses edificadores eram da nobre raça goda, se da dos conquistadores arabes. » Alex. Herc., *Lend. e Narr.*, tom. II, pag. 53, *O Bispo Negro*, (1130). Este templo foi restaurado artisticamente pela primeira vez ainda ha bem pouco tempo. Começou essa restauração a expensas do Rev. Bispo Conde, em 1893 intervindo as obras publicas em 1894. Foi inaugurado na tarde do dia 3 de julho de 1902. A primeira solemnidade foi no dia 5 do mesmo mez. Os trabalhos foram superiormente dirigidos pelo sr. A. Gonçalves.

XXVI

Tambem assim sombria, em rua estreita [1],
Uma casa se ergue com magestade
Onde por certa o povo crente acceita
Uma morte só feita p'la maldade
De Leonor, lenda que se regeita
Em face do estylo, e veracidade
Dos documentos onde commentarios
Se teem tornado todos bem lendarios [2].

---

[1] Casa que ainda hoje se conserva na rua de Sub-ripas. *Sub-ripas* — queria dizer segundo uns — nas margens do rio (ribas do Mondego), segundo outros — rua cheia de covas feitas decerto pelas chuvas que se infiltravam no solo — *Surribas (surribar* — cavar fundo).

[2] Crê-se que foi ahi que se deu o assassinato de D. Maria Telles por intrigas de sua irmã D. Leonor a *Lucrecia Borgia portugueza.* Está hoje porem demonstrado que não tem razão de ser a designação de *casa dos templarios* e que foi construida no reinado de D. Manoel. Vid. *O Conimbricense* de 1871, n.os 2526, 2527 e 2530 onde os srs. Martins de Carvalho, Miguel Osorio, Cabral Castro e Dr. Augusto Filippe Simões publicaram curiosos artigos sobre este assumpto. O assassinato commetteu-se nas circumvisinhanças de S. Bartholomeu.

Narrado como o infante, na margem esquerda do Mondego, junto do Convento de Santa Anna expoz aos homens que o acompanhavam o fim que o trazia a Coimbra, prosegue Fernão Lopes: —

« Entom começarom damdar, e passada a pomte chegando aa coyraça, chamou o Iffamte huum dos seus, e disse:

« Vos sabees esta çidade, e as emtradas e sahidas della, melhor que outro que aqui vaa, por que estevestes ja aqui no estudo: Dona Maria pousa nas casas Dalvaro Fernandez de Carvalho, encominhaae per tal logar, per hu possamos hir a ellas, mais apressa e fora de praça que seer poder. » E el respondeo que assi o faria: e emtom os levou aa Igreia de Sam Bertolameu, domde naçe huuma estreita rua, que derei-

XXVII

D. João, que verdadeiro e doce Amor
Rendera a Maria Telles tão formosa,
Ouve as falsas queixas de Leonor
Que o ciume em seu peito crava irosa
E de noite incendido de furor
Entra em casa d'ella que receiosa
O olha ao vêr o seu tôrvo semblante
Sentindo-se morrer ás mãos do amante.

---

tamente vay sahir aas portas daquellas casas... » *Chronic D. Fernando*, cap. III.

Tem surgido sempre uma pergunta em face d'este document existiria já a egreja de S. Bartholomeu?

« Ha documentos, pelos quaes se prova a existencia da egrej S. Bartholomeu em epochas muito anteriores á fundação da monai Fr. Bernardo de Brito menciona a doação d'esta egreja aos mong Lorvão por Samuel sacerdote na era de Cesar de 965 (anno Christo 927), e fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo dá notici outro documento, relativo á egreja de S. Bartholomeu no *arrabal* Coimbra, da era de 1147 (annos de Christo 1109). No seculo pa procedeu-se á reedificação d'este velho templo, para o que no dia junho de 1755 se fez a trasladação do SS. e das imagens de Chri Nossa Senhora para o antigo hospital real, d'onde se passaram p Misericordia. Demoliu-se depois o antigo edificio, e a 16 de de 1576 lançou a primeira pedra de novo o provisor do bispado M Rodrigues Teixeira. » *Guia do Viaj. em Coimbra*, 1.ª ed., pag. Vid. *Monarch. Lusit.*, p. 2.ª, liv. 7.º, cap. 18.º e *Elucidario*, « Nodum ».

E' pois fóra de duvida que foi perto de S. Bartholomeu e n rua de Sub-ripas, como a tradição diz, que se deu o assassina D. Maria Telles.

XXVIII

Assim um filho de Ignez, Maria mata,
De seu avô instinctos inda herdando,
E o Mondego, nas aguas de prata
Sentidas queixas sempre memorando,
Deixa Coimbra que inda em si retrata,
E nesses campos que o rio vae banhando,
Saudades que lhe lembram dia a dia,
Os amores de Ignez e de Maria!

XXIX

As aves vão partindo em debandada
P'ra terras bem longe de Portugal
Emquanto o rio em dôce serenada
Vae correndo num fio pelo areal,
Dizendo queixas d'alma acrysolada
Á noite, p'la Memoria e pelo Choupal,
Onde dias inteiros as lavadeiras
Vão alegres cantando p'las ribeiras.

XXX

Mil azenhas num labutar constante
As claras aguas ao rio roubando
Vão entoando a prece soluçante
Do Mondego que triste as vae beijando
Num gemer de terror, agonisante,
Que a brisa leva num sopro tão brando
Que eu fico absorto, ás vezes, a scismar
Se o rio, como nós, saberá pensar!

XXXI

Quando no verão raios bem ardentes
Do sol, partem, deixando de aquecer
Os campos e as aguas transparentes;
Quando altos choupos aos ceus a erguer
Começam canções tristes bem dolentes,
Fartas de amar e fartas de soffrer
Vão sempre as tricanitas buscar agua,
De olhos pisados, a chorar de magua.

XXXII

Amores antigos, tristes amores
Que guardados trazem no coração
Por estudantes, esses trovadores
Cuja vida passa numa canção,
Só cheia de risos, cheia de flores,
Pelo *Penedo da Meditação* [1],
Jardim [2], e outros logares saudosos
Dos que Coimbra tem, mysteriosos.

---

[1] « Ha nas proximidades de Cellas e para a direcção de Coselhas um sitio em extremo pittoresco e assás celebrado pelos poetas: é o *Penedo da Meditação* ». *Guia do viajante em Coimbra,* 1.ª ed., pag. 135.

[2] Jardim Botanico.

— Imperio lindo da risonha Cloris,
Enfileirado ahi per longas ruas
E verdes taboleiros,
Á sombra de marmoreos obeliscos,
Immensa gradaria, altas columnas,
E porticos soberbos.

J. F. de Serpa.

XXXIII

Á tarde quando o sol se vae 'sconder
De Coimbra, essa terra de encantos
Vem um ruido alegre, de prazer,
Ouvem-se de estudantes lindos cantos
Que só o Mondego sabe entender
Levando aguas claras por entre prantos
Que poetas em seus ternos enleios
Vinham chorar á *Lapa dos Esteios* [1]:

---

[1] Existe n'este sitio tão cantado pelos poetas algumas mimosas poesias gravadas em lapides que parecem, olhando para o Mondego, quererem dizer-lhe os segredos que os sonhos d'este logar encerram, e as flores que o rio toca de leve.

Transcrevemos aqui todas as que lá existem:

Doce mansão poetica
O' Lapa dos Esteios
Tu abres nossos seios
A' luz do eterno amor.
Almas sem crenças gelidas,
Correi ao tabernaculo,
Gosai este espectaculo
Louvai ao Creador!

A' sombra d'estas arvores
Reclinai-vos poetas,
Que as musas predilectas
Vos hão de abençoar,
Cantai em trovas magicas
Da Lapa as harmonias,
As doces melodias
Do Rio a suspirar.

15 de junho de 1874.

Costa Goodolphim.

Fica ao cimo das escadas de pedra que vão dar ao rio. Nestas escadas existe a seguinte inscripção:

XXXIV

Ao soluçar triste tão prantioso
Da manhã no verdejante arvoredo,
Ouve-se um cantar tão mysterioso
Por entre os salgueiros do Mondego,
Que ahi horas se passam em saudoso
E rapido momonto. Que socego!
Que sitio para trovas e amores [1]
Vendo o Mondego triste a beijar as flôres!

AQUI CELEBROU A. F. DE CASTILHO
COM OS SEUS AMIGOS
A FESTA DA PRIMAVERA
DONDE AO SITIO SE MUDOU O NOME
DE LAPA DOS ESTEIOS NO DE LAPA DOS POETAS.

AQUI VOLTOU
NO QUADRAGESSIMO ANNIVERSARIO DA FESTA
DE MAIO
A 1 DO MESMO MEZ DO ANNO DE 1860

PARA CONVITE E INCENTIVO PERPETUO
AOS CISNES DE COIMBRA
A MANDARAM AQUI POR
NO SUPRA CITADO ANNO
D. JOSÉ MARIA DE VASCONCELLOS AZEVEDO
SILVA CARVAJAL
E
GONÇALO TELLO DE MAGALHÃES COLLAÇO.

1 Que saudades inspiram estas sombras!
Que macias que lubricas alfombras!
Ó Poetas que sitio para amores!
Tem philtros estas agoas e estas flores!
T. RIBEIRO.

XXXV

Revoam mil suspiros de saudade
Por entre as verdes folhas dos salgueiros
E em visões, de p'rene felicidade,
De sonhos doirados e tão fagueiros,
De Amôr e de *esp'ranças da mocidade,*
Ali se passam dias e dias inteiros
Vendo a cidade defronte a scismar
No tempo ido para não mais voltar [1]!

Oh! quem entrar n'esta gruta
Não faça juras fatais:
Aqui the os freixos amam
Athe as penhas dão ais.
J. F. DE SERPA.

(Estão voltadas para o Mondego. Entre uma e outra existe esta inscripção:

NO DIA 4 DE MARÇO DO ANNO DE 1872
FOI ESTA LAPA DOS POETAS HONRADA COM A VISITA
DE
S. M. I. O SR. D. PEDRO II DO BRAZIL
QUE DAQUI LEVOU ALGUMAS FOLHAS DE HERA PARA MEMORIA.
ESTE PADRÃO MANDARAM AQUI PÔR
OS CONDES DA QUINTA DAS CANNAS.
15 D'ABRIL DE 1872).

1 ULTIMO ABRAÇO
Do CURSO DO 5.° ANNO JURIDICO
DE 1873.
Nestes Paços de Flora encantadores
Nos reune a voz terna da amisade;
D'entre os abraços e por sobre as flores,
Revoam mil suspiros de saudade!
É o ultimo adeus da mocidade!

XXXVI

A doçura dos ares, o perfume
Que se evola dos laranjaes em flôr
Fazem, ás vezes, lembrar que algum Nume
Fizesse esta cidade só de Amôr,
De Saudades, Tristezas e Ciume,
E com o Mondego por trovador,
Fosse cantando essas doces balladas
Que elle canta em noites luarisadas!

Distantes vamos ser mas não ausentes:
Embora fuja a quadra da poesia,
Quadra de amor e sonhos resplandecentes,
O affecto de irmão que nos prendia . . .
Este ficou, renasce cada dia.

21 de Março de 1873.

J. Paiva.

Esta lapide partiu-se. O Sr. Conselheiro José Dias Ferreira que é actualmente dono d'esta tão formosa quinta, recommendando ha mezes o maior cuidado com esta lapide, disse ao seu caseiro ser para a tornar a collocar no sitio que lhe é devido.

Alem das poesias que mencionei existe ainda outra, gravada numa pedra quadrada de pequenas dimensões, semelhando um quadro preso por laços de pedra a um muro que fica voltado para a cidade. E' a seguinte:

João de Lemos . . . . Sobre as azas da Poesia
A. M. Couto Monteiro . . . Aqui nos trouxe a amizade
J. Freire de Serpa . . . . . . Cantámos nas lyras d'oiro
L. da Costa Pereira . . . . Esp'ranças da mocidade
A. X. R. Cordeiro . . . . . . E aos bardos da Primavera
Augusto Lima . . . . Mandámos uma saudade.

24 de junho de 1844.

XXXVII

O Mondego descendo mansamente
Vai contra os alvos seixos soluçando
Só tristezas que as auras docemente
Levam a Coimbra num sopro brando
Á hora encantada do Sol Nascente
Em que o dia vem alegre despontando
A espelhar-se nessas brancas aguas
Que vão dizendo Amôr, chorando maguas.

XXXVIII

Terra d'Ignez amena e tão formosa,
Envolta em lendas mil de seus Amores,
Encerra uma Dôr tão mysteriosa,
Que esconde a soluçar por entre as flores
Numa canção tão triste e tão saudosa,
Numa queixa de tantos trovadores,
Que eu fico-me em extasis a murmurar:
— Terra de sonhos, feita de luar!

RECTIFICAÇÕES

Alem de outros erros de pouca monta que escaparam na apressada revisão d'este livro, convem rectificar alguns que por vezes cortam o sentido do auctor.

São os seguintes:

I

— Pag. 9, nota 1, onde se lê:

... O rio mais rico e famoso,

deve lêr-se:

... O rio mais rico e formoso,

— Pag. 12, nota 1, onde se lê:

... a Samerio, que suppõe bispo de Idanha.

deve lêr-se:

... a Pamerio, que suppõe bispo de Idanha.

— Pag. 13, XXII, linha 4.ª, onde se lê:

...... os campos estrelleja,

deve lêr-se:

...... os campos estrelleja

— Pag. 17, nota 1, onde se lê:

n.º 8, canto III, pag. 147

deve lêr-se:

n.º 8, canto III, pag. 117

— Pag. 28, nota 1, onde se lê:

... na batalha de Ansena

deve lêr-se:

... na batalha de Ausena

— Pag. 64, XXXV, linha 2.ª, onde se lê:

No tempo do infeliz Rei (Capello)

deve lêr-se:

No tempo do avô do Rei (Capello)

II

— Pag. 80, LVI, linha 1.ª, onde se lê:

Foi nesse des'parecido mosteiro

deve lêr-se:

Foi nesse des'parecido mosteiro,

— Pag. 88, LXVI, linha 6.ª, onde se lê:

...... que o Marquez de Pombal.

deve lêr-se:

...... que o Marquez de Pombal

— Pag. 94, LXXIII, linha 3.ª, onde se lê:

Onde nasceu noya associação.

deve lêr-se:

Onde nasceu nova associação

III

— Pag. 97, onde se lê:

Que os raios do sol nascente

deve lêr-se:

Que aos raios do sol nascente

— Pag. 115, XIX, linha 4.ª onde se lê:

Dos templos p'las crueis devastações.

deve lêr-se:

Dos tempos p'las crueis devastações.

— Pag. 125, nota 1, onde se lê:

Existe n'este sitio tão cantado pelos poetas algumas mimosas poesias gravadas em lapides que parecem, olhando para o Mondego, quererem dizer-lhe os segredos que os sonhos d'este logar encerram, e as flores que o rio toca de leve.

deve lêr-se:

Existem neste sitio tão cantado pelos poetas, algumas mimosas poesias gravadas em lapides que parecem, olhando para o Mondego, quererem dizer-lhe os segredos das sombras que este logar encerra e das flores que o rio vai beijando levemente.

ACABOU DE IMPRIMIR-SE

AOS DEZOITO DIAS DO MEZ DE OUTUBRO

DE MIL NOVECENTOS E DOIS

NA TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

EM COIMBRA.

DO MESMO AUCTOR

A SAHIR:

Alcacer-Kibir (poesia).

Esquissos (versos).

O Theatro Academico — 1834 a 1902 — (Estudo de investigação historica.)

MAR 6 - 1942